

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Instituto de Agronomia  
Departamento de Geociências  
Curso de Geografia

Antônio Fernando Rodrigo de Oliveira

**Identities na Baixada Fluminense: Estudo de caso dos Municípios de Seropédica e Duque de Caxias a partir das Migrações Pendulares.**

Seropédica

2013

Antônio Fernando Rodrigo de Oliveira

**Identidades na Baixada Fluminense: Estudo de caso dos Municípios de Seropédica e Duque de Caxias a partir das Migrações Pendulares.**

Monografia apresentada ao curso de graduação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Agronomia, Departamento de Geociências, Curso de Geografia para conclusão do bacharelado em Geografia.

Orientadora: Prof. Dra. Lirian Melchior

Seropédica

2013

## **RESUMO**

A configuração territorial do capital e a necessidade pela sobrevivência têm mudado as relações de trabalho obrigando a população a realizar os movimentos pendulares, deslocando-se diariamente ao seu local de trabalho, retornando, ao final da jornada, à sua residência. Nessa mobilidade laboral diária o indivíduo passa por novos processos de territorialidades e identidades dentro dos seus espaços de vivência, o trabalho e o local de moradia, configurando novos processos territoriais e reafirmando suas práticas sociais locais. Analisaremos, portanto, as relações que compõem o território e constroem a identidade do trabalhador pendular na formulação do espaço urbano dentro da necessidade de migração laboral das periferias para as áreas centrais da cidade do Rio de Janeiro.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>3</b>
<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>6</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1 – A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO SOCIESPACIAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: A REGIÃO METROPOLITANA E A BAIXADA FLUMINENSE.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 – A dicotomia socioespacial do Rio de Janeiro.....</b>	<b>12</b>
1.1.1 O Século XIX e suas transformações.....	12
1.1.2 A Região Metropolitana e suas segregações.....	14
<b>1.2 – Baixada Fluminense: a periferia carioca.....</b>	<b>17</b>
1.2.1 – O contexto histórico de formação da Baixada Fluminense.....	17
<b>CAPÍTULO 2 - MIGRAÇÃO PENDULAR E A MOBILIDADE DO TRABALHO.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1- O trabalho numa perspectiva empírica: análise dos dados dos municípios de Seropédica e Duque de Caxias.....</b>	<b>24</b>
2.1.1- O trabalho no Município de Seropédica.....	25
2.1.2- O trabalho no Município de Duque de Caxias.....	28
<b>CAPÍTULO 3- GEOGRAFIA, TERRITÓRIO E IDENTIDADE.....</b>	<b>32</b>
<b>3.1 – O conceito de identidade.....</b>	<b>32</b>
3.1.1. – Identidade e diferença.....	35
3.1.2. – Identidade e representação.....	36
<b>3.2 – Identidade e território: uma análise geográfica do conceito.....</b>	<b>36</b>
<b>CAPÍTULO 4 – IDENTIDADES NA BAIXADA FLUMINENSE E O ESTUDO DE CASO DOS MUNICÍPIOS DE SEROPÉDICA E DUQUE DE CAXIAS.....</b>	<b>40</b>
<b>4.1 – O ontem e o hoje na formação das identidades da Baixada Fluminense.....</b>	<b>41</b>
4.1.1 – Análise de Seropédica.....	41
4.1.2 – Análise de Duque de Caxias.....	44

<b>4.2 – Trabalho, migração pendular e identidade: os desdobramentos para os Municípios.....</b>	<b>46</b>
4.2.1 – Relações de mobilidade e identidade em Seropédica.....	47
4.2.2 – Relações de mobilidade e identidade em Duque de Caxias.....	49
<b>4.3- Territorialidade e identidade: relações indivíduo x território.....</b>	<b>50</b>
4.3.1 – Identidade em Seropédica.....	51
4.3.2- Identidade em Duque de Caxias.....	58
<b>5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>66</b>
<b>6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>67</b>
<b>7- ANEXOS.....</b>	<b>70</b>

## **AGRADECIMENTOS:**

A Geografia nos proporciona olhares diferenciados para realidades diversas dentro da perspectiva espacial e para além dessas. Enveredamos- nos pelos mais variados campos científicos a fim de extrair um alvo, um objeto inquietante que exala eloquência no silêncio das relações do dia a dia. Natureza, homem, dicotomia, interação e definições buscam, incessantemente, desvendar os questionamentos criados pela sede humana de se apropriar do conhecimento trazendo realidade aos seus instintos. No seu poder criativo o homem e a Geografia escrevem sua trajetória nas linhas imaginárias do pensar personificando suas ambições no desenvolvimento das ferramentas concretas de transformação do lúdico no real. Sou mais um nesta árdua missão.

Dedico este trabalho à Deus; aos meus pais, Valdecir e Jacyra (escritores principais da minha trajetória geográfica neste mundo); à minha irmã Monique (exemplo marcante que fala mais do que qualquer palavra) e à minha noiva Danielly (amor que fortifica; vida que ensina). Agradeço aos companheiros pioneiros da primeira turma de Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro pelos sofrimentos compartilhados e as alegrias curtidas e aos docentes que trabalham, diariamente, para a construção do curso. À Prof. Dra. Lirian Melchior rendo toda gratidão pela dedicação e carinho durante toda esta jornada. E por último, mas não menos importante, homenageio os companheiros, da “República Casa 15” (Breno Ribeiro, Felipe Guimarães, Gabriel Martins e Gabriel Menezes) por terem proporcionado momentos intensos onde as lições do convívio harmônico e respeitoso levarei para sempre.

Assumo, assim, meu papel de construtor da Geografia da vida na interseção do profissional com o pessoal, do afetivo com o racional traçando caminhos para o desenvolvimento da ciência pela qual me encontrei.

Foi, sem dúvida, uma *linda história de amor*.

## INTRODUÇÃO:

Ao longo da caminhada da graduação diversos desafios foram percorridos em torno da vivência da Geografia. A relação Geografia x vida nos dá a capacidade de dialogar com as teorias e as práticas diariamente, trazendo-nos ganho de conhecimento. Observando as diversas “geografias” do dia – a – dia permitimo-nos identificar com elas ou, simplesmente, ignorá-las. Foram tais experiências as responsáveis por despertar a curiosidade sobre a temática da identidade e seus processos territoriais, em dinâmicas ocorridas nas entrelinhas geográficas de todos os dias.

Os processos ocorridos a nível espacial são responsáveis por dinamizar e construir o espaço geográfico. São essas interações espaciais e seus deslocamentos, as responsáveis por caracterizar o ambiente onde ocorrem e seus parâmetros específicos de reprodução do sistema capitalista de produção. Elas irão juntas, demarcar as especificidades dos lugares e seus níveis de assimetria dentro da lógica capitalista. Ademais, representarão as particularidades políticas, econômicas e sociais dos diversos momentos da construção geográfica feita pelo homem. A partir disso, refletimos sobre a relevância dos deslocamentos laborais diários e suas relações com o território tendo por foco de análise os trabalhadores.

“As interações espaciais constituem um amplo e complexo conjunto de deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico. Podem apresentar maior ou menor intensidade, variar segundo a frequência de ocorrência e, conforme a distância e direção, caracterizar-se por diversos propósitos e se realizar através de diversos meios e velocidades”.

(CORRÊA, 1997, p. 279).

O assunto proposto por esta Monografia foi sendo desenvolvida ao longo da graduação na participação no grupo de estudo Espaço, Teoria Social e Cidade, onde o projeto “*Migrações pendulares na Baixada Fluminense. Análise dos Municípios de Duque de Caxias e Seropédica*”, financiado pela FAPERJ, norteou pesquisas que dialogam com o universo das migrações pendulares ocorridas no Município do Rio de Janeiro tendo como foco de análise o trabalhador/morador das áreas periféricas da região metropolitana do Rio de Janeiro observando o contexto atual de reestruturação urbana da região. Desta forma, nosso foco de análise foi se delineando para desvendar as especificidades desse processo de mobilidade diária em torno do trabalho e seus

desdobramentos para as relações de identidade/territorialidade dos indivíduos onde foram desenvolvidas metodologias orientadoras na atuação da interface teoria/prática.

As necessidades individuais dos trabalhadores trazem consequências na sua dinâmica espacial dentro dos seus espaços de vivência, o trabalho e a moradia. Essas identidades, cristalizadas por variados processos de construção social, são modificadas e (re)afirmadas diariamente por esses atores modeladores das interações do espaço que carregam, consigo, todas as experiências adquiridas nos seus modos de ver e viver o território. A mobilidade do trabalho desempenhada por eles acaba por influenciar as dinâmicas de relacionamento desses indivíduos com seu território alterando a naturalização do seu processo de identidade com tal local. São essas atividades que irão compor sua territorialização, construindo a história local e as práticas ratificadoras de uma unicidade identitária.

As atividades metodológicas empreendidas serviram para a criação de um banco de dados com informações geradas pelas entrevistas realizadas com os trabalhadores dos municípios envolvidos. Dessa forma, as indagações e inquietações estimuladoras da pesquisa foram sendo minimizadas com o decorrer do projeto, trazendo ricas descobertas acerca do movimento pendular vivido entre as cidades em questão.

É nesta perspectiva que iremos aprofundar as discussões acerca da migração pendular e identidade analisando os municípios de Duque de Caxias e Seropédica e seus trabalhadores, entendendo o processo de formação destas cidades no contexto do desenvolvimento do Rio de Janeiro e sua participação atual dentro das esferas econômica, política e social.



## **METODOLOGIA:**

O potencial de discentes de Geografia nos oferece ferramentas valiosas de problematização das mais diversas questões que ocorrem na esfera do espaço, a partir de observações críticas das realidades. Esta pesquisa empenhou-se em destrinchar os principais clássicos da Geografia conectando às novas obras da temática da Geografia urbana, Geografia da população e da Geografia cultural ao tratamento empírico dos dados coletados e transformados em informação. Enveredamo-nos pela Análise do Conteúdo criando o *corpus* de arquivo e empírico fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, a partir de três grandes etapas norteadoras: pré análise, exploração do material e o tratamento dos resultados com interpretação.

“a primeira etapa como a fase de organização, que pode utilizar vários procedimentos, tais como: leitura flutuante, hipóteses, objetivos e elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação. Na segunda etapa os dados são codificados a partir das unidades de registro. Na última etapa se faz a categorização, que consiste na classificação dos elementos segundo suas semelhanças e por diferenciação, com posterior reagrupamento, em função de características comuns. Portanto, a codificação e a categorização fazem parte da AC”.

(CAREGNATO e MUTTI, 2006, p. 683)

Partimos do pressuposto que todo discurso possui uma intencionalidade na qual influencia o ser social, articulando o linguístico, com o social e o histórico. A Escola Francesa da Análise do Discurso, criado por Michael Pechêux delimita a linguagem e a ideologia sendo parte de um todo indissociável. Através dela buscamos ir além das aparências dos discursos criados pelo senso comum entendendo como as relações de poder ganham concretude, sobretudo no espaço.

Analisamos bibliografias específicas sobre o tema, realizando um grande levantamento através da Revista Brasileira de Geografia e obras históricas referentes à formação da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. A partir delas, entendemos o processo de Formação da RMRJ e os principais motivos da população trabalhadora residir no entorno da cidade. Outro polo investigativo foram as obras sobre a mobilidade populacional no mundo moderno e as precariedades do trabalho e o desemprego, ocorridas atualmente, levando a constante necessidade de deslocamento dos trabalhadores.

Após esta etapa nos dedicamos a uma análise visual da vida cotidiana dos trabalhadores que realizam a migração pendular em Seropédica e Duque de Caxias,

visando criar o roteiro mais adequado para aplicação dos questionários. Estes foram elaborados, baseados na bibliografia lida, e adequados de acordo com a realidade que presenciamos nos municípios em questão. Para a realização das entrevistas delimitamos métodos de abordagem. São eles: entrevistas nos pontos de ônibus mais movimentados dos municípios, onde circulam linhas que levam à cidade do Rio de Janeiro; viagens realizadas junto com os trabalhadores nos ônibus até a estação central do Rio de Janeiro, ou até o Terminal Menezes Cortes (Edifício Garagem) e o Terminal Rodoviário Américo Fontenelle – principais lócus de concentração dos migrantes pendulares de Duque de Caxias e Seropédica. O questionário (ANEXO 1 – MODELO ENTREVISTA) possui 25 perguntas divididas em cinco blocos temáticos (**perfil; relações de trabalho; relação com o município que trabalha; transporte e relação com o município que reside**). Ao todo realizamos um total de duzentas entrevistas, cem para cada município, criando um banco de dados base para a extração das informações.

Em função do curso de Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, situado em Seropédica, possuir poucos anos de existência, enfrentamos alguns obstáculos quanto a realização da pesquisa, inclusive no que se refere à formação do grupo, adequação da sala de estudos para realização da pesquisa de gabinete e aprovação/reconhecimento da instituição para realização da pesquisa. Outro fator que dificultou o andamento da pesquisa foi a adequação na forma de realizar as entrevistas, bem como, a definição das estratégias de abordagem dos entrevistados.

Além disso, buscamos entrar na realidade vivida pelos trabalhadores como forma de enriquecer nossas discussões acerca do tema. Assim, sentimos as dificuldades diárias da ida e volta para o trabalho, quando viajamos em ônibus e trens que levam os trabalhadores de Seropédica e Duque de Caxias para o Centro do Rio, realizando nossas entrevistas. Para a aplicação dos questionários nos deparamos com a receptividade e a repulsa dos trabalhadores, com noites de sono perdidas para estarmos nos pontos de ônibus no início da manhã e com as grandes distâncias existentes entre o Centro do Rio de Janeiro e suas periferias.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa estipulamos metas para fomentar o andamento do projeto, trazendo o comprometimento com a tríade do *ensino – pesquisa – extensão* (ANEXO 2 – QUADRO DE ATIVIDADES).

## CAPÍTULO 1 – A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO SOCIESPACIAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: A REGIÃO METROPOLITANA E A BAIXADA FLUMINENSE.

No intuito de investigar os pormenores dos processos de migração pendular ocorridos entre os municípios de Seropédica e Duque de Caxias e seus desdobramentos para a construção das identidades iremos, primeiramente, analisar o contexto de formação socioespacial da metrópole do Rio de Janeiro e sua relação com a atual configuração política, econômica e social, destacando alguns pontos determinantes de sua centralidade.

A metrópole moderna possui caracteres próprios de um espaço urbano dotado por sistemas de *objetos* e *ações* (SANTOS, 2012) que, numa união inseparável, interagem na formulação e construção espacial. É na relação dos *fixos* e *fluxos* que as cidades se desenvolverão transformando-se, assim, em verdadeiros lócus de acumulação de capital e contrastes frutos do modelo capitalista de produção:

“Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são o resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam”.

(SANTOS, 2012, p.61-62)

Souza (2010, p.20) afirma ainda que:

“É o fato, isso sim, de que a vida em muitas cidades, para não dizer em quase todas elas, tem sido percebida com um misto de sentimento de orgulho e satisfação, por outro lado, e descontentamento e frustração, e até mesmo medo por outro. A cidade, especialmente a grande cidade de um país periférico ou semiperiférico, é vista como um espaço de concentração de oportunidades de satisfação de necessidades básicas materiais e imaterias, mas também, como um local crescentemente poluído, onde se perde tempo e se gastam nervos com engarrafamentos, onde as pessoas vivem estressadas e amedrontadas com a violência e a criminalidade”.

A metrópole será definida, portanto, como um produto da relação das atividades sociais com a organização espacial mediada pelos processos espaciais. A

partir disso, as cidades serão desenvolvidas pela ação dos atores principais dos processos espaciais (os proprietários dos meios de produção, os proprietários de terras, as empresas imobiliárias e de construção e o Estado) responsáveis pelas interações nas quais irão influenciar as dinâmicas do espaço urbano. CORRÊA (2005) delimita seis principais tipos de processo espaciais atuantes na formatação do urbano: **centralização, descentralização, coesão, segregação, invasão-sucessão e inércia**. A história da formação socioespacial da região metropolitana do Rio de Janeiro evidencia a atuação destes conceitos em sua dinâmica particular dos fatos ocorridos ao longo da passagem do tempo. Aprofundaremos nas particularidades desse processo apontando os principais mecanismos que elaboraram a atual configuração de segregação socioespacial presente na RMRJ e sua relação com a Baixada Fluminense, alvo de nosso estudo.

## **1.1– A dicotomia socioespacial do Rio de Janeiro:**

### **1.1.1-O Século XIX e suas transformações**

A cidade do Rio de Janeiro representa um grande objeto de estudo para a Geografia nos seus mais diversos ramos de conhecimento. Seu local possui características de diferentes fases do tempo fincadas ao longo das transformações espaciais vivenciadas. A dualidade entre lógicas escravistas e capitalistas irá marcar o território carioca até meados do século XX onde a atuação do Estado trabalharia para separar os usos e classes sociais existentes.

O papel da mobilidade sempre foi um impulsionador das interações espaciais ocorridas na cidade do Rio de Janeiro e podemos delimitar o ano de 1870 como marco das modificações na criação de uma inicial infraestrutura de transportes (bondes e trens) remodeladora da dinâmica populacional e estimuladora do crescimento da malha urbana. Foi papel desses meios de transportes a distribuição da população urbana carioca, segregando-as dentro do mesmo espaço urbano. Enquanto os bondes serviram para a valorização de uma área agregadora da população abastada os trens formaram os subúrbios concentradores da camada mais pobre. Apesar do *espraiamento* das camadas populares para as regiões mais distantes do centro as freguesias centrais continuaram a ser o grande polo concentrador de mão de obra. As formas de habitação, os famosos cortiços, serviam como solução para a necessidade de localização próxima ao trabalho ao mesmo tempo em que incomodava a população rica.

“A proliferação de cortiços na área central (e mais valorizada) da cidade já há algum tempo preocupava as autoridades públicas, que os combatiam principalmente através de um discurso sanitarista”.

(ABREU, 2010, P.50)

Foi na modificação da função do espaço que o Estado traçou a estratégia de modernização influenciada pelas demandas de europeização dos costumes. As obras implementadas por Pereira Passos atuaram na mudança da “forma de habitação para o hábitat” (ABREU, 2003), reestruturando a área de núcleo da cidade e modificando o padrão territorial do centro da cidade. Tais mudanças trouxeram as populações residentes do local, sobretudo as mais pobres, realocações e expulsões impostas pelo Estado.

A Reforma Passos foi um marco no tocante às transformações urbanas no Rio de Janeiro. As obras foram motivadas pela necessidade de adequação do urbano para a geração de capital (criação, concentração e acumulação de capital) aliado ao fato da necessidade do país possuir uma sede que representasse a prosperidade econômica da época e que fosse capaz de fomentar atividades de produção.

As obras orientadas pelo prefeito representaram a primeira grande ação interventora do Estado no espaço carioca. Essa intervenção possuía dois eixos orientadores: o controle da circulação e o controle urbanístico. O controle da circulação teve no novo Porto do Rio de Janeiro e no alargamento das vias a representação do que Pereira Passos pretendia. Entretanto, essas obras tiveram grandes dispêndios sociais como o arrasamento de quarteirões que abrigavam atividades de emprego e, também, residências operárias. O prefeito ainda personificou suas ações controladoras baixando uma série de ordens proibindo as reformas dos cortiços e controlando a forma de habitar. Outro exemplo foi a ação do Governo sobre práticas econômicas, formas de lazer, costumes e hábitos da população que não seriam condizentes com o padrão de modernidade da época. Além disso, as Reformas também geraram lucros para os vários agentes do capital como o capital financeiro através de empréstimos para as obras.

As ações de Pereira Passos aumentaram, sobremaneira, o valor do solo urbano proporcionando um aumento da renda dos proprietários de imóveis locais, estimularam a indústria de construção civil e melhoria da circulação interna, favorecendo as empresas. Na tentativa de se manter no espaço central carioca, as favelas passaram a ser uma solução para o déficit habitacional gerado por Pereira Passos.

“Atraindo grande quantidade de força de trabalho e não oferecendo espaços de reprodução, a Reforma Passos viabilizou então o desenvolvimento de sua própria negação – ou seja, a proliferação de um hábitat, que já vinha timidamente se desenvolvendo na cidade e que, por sua informalidade e falta de controle, simbolizava tudo o que se pretendeu erradicar da cidade. Este hábitat foi a favela”.

(ABREU, 2003, p. 231)

Apesar disso, os expulsos pelas reformas urbanas, também, iniciaram a ocupação de áreas de subúrbio estimuladas, sobretudo, pela ação do trem na questão do adensamento urbano e populacional. As áreas da Baixada Fluminense só se tornariam alvo migratório no período de 1906 – 1930 com o aumento da integração urbana do então Distrito Federal e suas áreas do entorno e as ações de saneamento realizadas no Governo de Nilo Peçanha.

### **1.1.2-A Região Metropolitana e suas segregações**

O atual modelo metropolitano carioca é caracterizado da seguinte maneira, segundo Abreu (2010):

“O modelo do Rio tende a ser o de uma metrópole de núcleo hipertrofiado, concentrador da maioria da renda e dos recursos urbanísticos disponíveis, cercado por estratos urbanos periféricos cada vez mais carentes de serviços e de infraestrutura à medida que se afastam do núcleo, e servindo de moradia e de local de exercício de algumas outras atividades às grandes massas de baixa renda”.

(ABREU 2010, p. 17)

[grifos nossos]

A RMRJ possui um núcleo concentrador de infraestrutura (transporte, saneamento e equipamento social) no qual, graças a esse fator, terá um papel atrativo dos investimentos do capital e, conseqüentemente, absorverá classes mais abastadas. E no seu entorno, localizam-se as áreas periféricas que usufruem indiretamente da área de núcleo. São essas áreas as responsáveis pelo abastecimento de mão de obra demandada pelos vários serviços, em sua maioria precarizados, existentes nos bairros centrais.

A dicotomia centro-periferia se deve, entre outros aspectos, ao fato das várias reorganizações políticas e espaciais sofridas no Rio de Janeiro. A principal delas, ocorrida em 1974, encerrou a divisão existente entre o Estado da Guanabara e o Estado do Rio de Janeiro, fundindo-os num único bloco. Essa estratégia, fruto do projeto

“Brasil grande potência” do Governo Geisel<sup>1</sup> (1974-1979) tinha por objetivos principais diminuir a hegemonia econômica paulista e aumentar a área territorial, do então Estado da Guanabara, para expansão econômica, anteriormente limitada espacialmente.

A fusão dos Estados acirrou, ainda mais a dicotomia, já existente, pois se tratava da união de duas áreas completamente distintas nos aspectos econômicos, políticos e sociais.

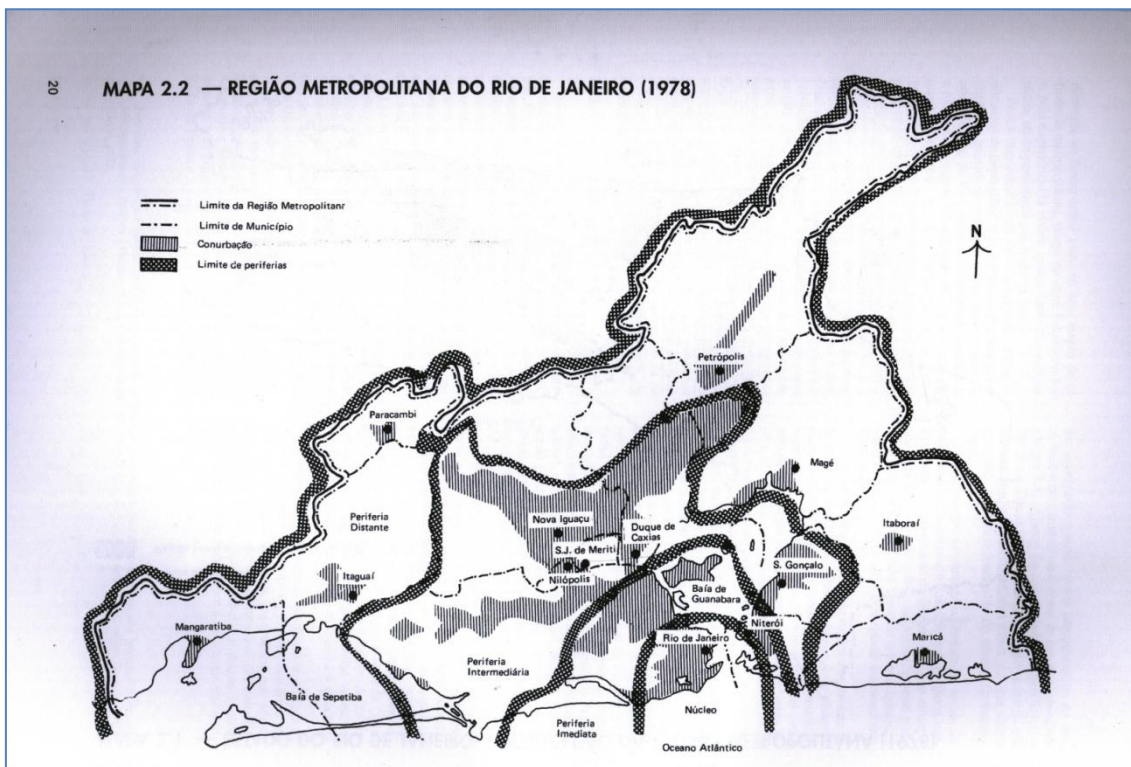
“A cidade do Rio de Janeiro, e mais especificamente o seu núcleo, concentrou todos os recursos, muitas vezes aplicando em obras suntuosas e de prestígio, sem reinvestir nada numa região onde não tinha responsabilidades políticas. O resultado foi um núcleo forte, cercado por uma periferia pobre e superpovoada”.

(ABREU, 2010, p. 17)

Atualmente, a estrutura metropolitana é caracterizada pela segregação socioespacial entre o centro da RMRJ e as suas periferias. Para ABREU (2010) as periferias, além da área de Núcleo, são divididas em: *Periferia imediata*, *Periferia intermediária* e *Periferia distante*. Iremos nos ater ao estudo das periferias onde se localizam os municípios de Seropédica (*Periferia distante*) e Duque de Caxias (*Periferia intermediária*), delimitando, posteriormente, suas especificidades. O mapa abaixo, indica tais delimitações apresentadas:

---

<sup>1</sup> O Governo Geisel buscou o crescimento econômico do Brasil através da industrialização e dos investimentos em infraestrutura. O II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento) tinha planos de transformar o RJ num novo complexo de tecnologia de ponta. Entre algumas dos resultados tivemos: a construção das Usinas nucleares de Angra I e II, a construção do Porto de Sepetiba (atual Porto de Itaguaí) e a construção da Rodovia Rio – Santos.



**Figura 1:** Mapa “Região Metropolitana do Rio de Janeiro” (extraído de ABREU, 2010, p. 20)

“Para fins puramente metodológicos, ela pode ser dividida em *quatro faixas de limites imprecisos*, mas que, pelas características físicas do espaço metropolitano e face ao desenho da estrutura viária condicionante da expansão, são mais ou menos circulares e concêntricas”.

(ABREU, 2010, p. 18)

A RMRJ possui um núcleo concentrador de infraestrutura (transporte, saneamento e equipamento social) no qual, graças a esse fator, terá um papel atrativo dos investimentos do capital e, conseqüentemente, absorverá classes mais abastadas. E no seu entorno, localizam-se as áreas periféricas que usufruem indiretamente da área de núcleo. São essas áreas as responsáveis pelo abastecimento de mão de obra demandada pelos vários serviços, em sua maioria precarizados, existentes nos bairros centrais.



## **1.2- Baixada Fluminense: a periferia carioca**

### **1.2.1 – O contexto histórico de formação da Baixada Fluminense**

A Baixada Fluminense foi sendo emoldurada a partir dos principais ciclos econômicos ocorridos no país. Entre os principais podemos destacar o ciclo da mineração, o ciclo da laranja e o processo de industrialização do século XX. Suas funções espaciais variaram ao longo do processo de desenvolvimento econômico brasileiro e da cidade do Rio de Janeiro, sempre servindo como área satélite da metrópole carioca.

Primeiramente, a própria delimitação territorial do que seria a Baixada Fluminense já é cercada de controvérsias. A compreensão dos municípios que compõem a Baixada, para alguns teóricos, extrapola as demarcações estabelecidas por órgãos governamentais, como o IBGE. A apropriação espacial da Baixada estaria relacionada aos municípios que, de alguma maneira, possuem semelhanças no processo histórico e geomorfológico de formação. Além disso, também são consideradas semelhanças nos aspectos culturais e ideológicos, corroborando para a criação de uma identidade comum.

Atrelado a isso, determinadas teses não consideram Seropédica parte integrante da Baixada Fluminense, pois não faria parte do núcleo de onde as maiorias dos municípios se emanciparam: os antigos municípios de Iguazu e Estrela. Entretanto, iremos incluí-la na caracterização de Baixada uma vez que é reconhecida, a nível estadual, a participação de Seropédica como parte integrante da Baixada Fluminense.

O período colonial foi um marco importante para a história de ocupação da Baixada, pois a busca pelo escoamento da produção mineradora estimulou a construção de diversos caminhos de chegada à Baía de Guanabara, que, necessariamente, passariam por esta região. Entre eles temos: o Caminho de Inhomirim e o Caminho Novo de Tinguá.

O ciclo do café proporcionou o ganho infraestrutural para o início de uma posterior ocupação populacional:

“O início do ciclo do café no Vale do Paraíba, após um curto período de plantio na Baixada Fluminense, realçará ainda mais esta função de passagem desta região. Com o crescimento da produção de café e o seu escoamento através do porto do Rio de Janeiro, os velhos caminhos ganham nova importância. Neles são realizadas melhorias tais como drenagem, retificação e pavimentação com macadame, como é o caso do Caminho do

Inhomirim entre 1800 e 1809. Os portos fluviais também ganharam uma sobrevida neste período com a reativação do transporte fluvial, que esbarrava no assoreamento dos rios. Para isso foram realizadas obras de dragagem e limpeza dos canais”.

(SIMÕES, 2006, pág.: 65)

Apesar do cultivo de café não ter se adaptado às condições do solo da região a Baixada Fluminense continuou sendo um importante ponto de ligação entre Minas Gerais e Rio de Janeiro. Já no início do século XX o ciclo da laranja afasta a crise estimulada pelo desaquecimento da atividade mineradora, dando nova importância à área. Essa atividade possuiu inicialmente, grande incentivo governamental em prol do aumento das exportações. Apesar disso, não se teve um desenvolvimento da região, sobretudo, na questão social. Sua decadência ocorre no contexto da Segunda Guerra Mundial e a diminuição das exportações trazendo a necessidade de uma nova função econômica para a Baixada.

Os antigos lotes utilizados na citricultura passaram a servir como conjuntos habitacionais concentradores de mão de obra que não conseguira se estabelecer nas áreas centrais da cidade do Rio de Janeiro após as Reformas Pereira Passos. A interiorização norteadas pelos trens foi a solução para a questão da habitação da população expulsa com as ações estatais. Foram sendo instaladas estações em áreas com pequena habitação popular, como Cascadura, Engenho Novo e Maxambomba (atual Nova Iguaçu). A ocupação tomou um aspecto retilíneo graças ao trem, criando, no entorno das estações novos aglomerados urbanos:

“O processo de ocupação dos subúrbios tomou, a princípio, uma forma tipicamente linear, localizando-se as casas ao longo da ferrovia e, com maior concentração, em torno das estações. Aos poucos, entretanto, ruas secundárias, perpendiculares à via férrea, foram sendo abertas pelos proprietários de terras ou por pequenas companhias loteadoras, dando início assim a um processo de crescimento radial, que se intensificaria cada vez mais com o passar dos anos”.

(ABREU, 2010, p. 50)

A reestruturação econômica acontece no período do processo de industrialização, na segunda metade do século XX. A busca por vantagens comparativas levaria as empresas a se instalar nos novos lotes criados, aproveitando, também, a mão de obra oferecida pelo local (como exemplo, temos: metalurgia; material elétrico e

telecomunicações; material de transporte; mobiliário; química; produtos de material plástico; têxtil; vestuário, calçado e artefatos de tecidos; produtos alimentares e editora gráfica).

O crescimento da área da Baixada Fluminense, como observamos, se deu graças aos seus ciclos econômicos dentro de diferentes momentos históricos do desenvolvimento da RMRJ. Contudo, o crescimento econômico não integrado com desenvolvimento assola a região até os dias atuais. O início da caracterização da Baixada Fluminense como periferia carioca é fruto de períodos cíclico de atividades econômicas, não permitindo uma continuidade e desenvolvimento das mesmas, aliado à incapacidade governamental de elaborar planos municipais envolvidos com a questão social. É nesta perspectiva de segregação socioespacial que a Baixada Fluminense cresce e ratifica sua representação como o espaço da pobreza, violência e exclusão social conhecidas até os dias de hoje.

## CAPÍTULO 2: MIGRAÇÃO PENDULAR E A MOBILIDADE DO TRABALHO

O padrão de segregação existente entre a Baixada Fluminense e o Rio de Janeiro é o responsável pela criação de arranjos que influenciarão a configuração espacial carioca, atingindo, significativamente, um dos principais objetos participativos da constituição do espaço: os indivíduos. A migração interna, no contexto pendular, passa a ser uma solução para a resolução das demandas individuais, como também, atua como ratificador dos contrastes capitalistas, sobretudo os relacionados ao trabalho e renda.

“A criação de desigualdades regionais pode ser encarada como o motor principal das migrações internas que acompanham a industrialização nos moldes capitalistas”.

(SINGER, 1998, pág.: 36)

As suntuosas parcelas de investimentos direcionados para a área de Núcleo do Rio de Janeiro levaram a um crescimento desordenado entre a área central e o seu entorno. Através disso, a migração pendular se torna um mecanismo de busca pela amenização dessa disparidade, uma vez que se define como o principal movimento populacional diário ocorrido entre a RMRJ e suas periferias. No entanto, o ponto nevrálgico dessa questão está relacionado com o contexto da mobilidade do trabalho, isto é, o deslocamento de população orientado pelo trabalho.

O modo de produção capitalista possui como fator principal na sua constituição política, social e econômica o controle dos meios de produção. Essa realidade estratifica a sociedade em duas principais camadas sociais: a burguesia (proprietária dos meios de produção) e os trabalhadores (proprietários da força de trabalho) tendo o trabalho como principal relação existente entre elas. Karl Marx, em *O Capital*, define-a como relação de compra e venda, já que o trabalhador vende sua mercadoria força de trabalho em troca do salário pago pelo tempo de serviço oferecido ao burguês, que enriquece através da *Mais valia*.

Ademais, toda mercadoria possuirá um *valor de uso* e um *valor de troca*. O primeiro é a “*quantidade de valor socialmente necessário à produção da mercadoria considerada*” e sua utilidade como tal, e o segundo está relacionado com o processo de troca existente entre duas mercadorias. A força de trabalho é a mercadoria onde o valor

de uso é fonte de valor de troca, permitindo as relações de trabalho existentes até os dias de hoje.

“A força de trabalho é então definida sem equívoco, como a mercadoria que um homem possui ou ainda o conjunto de faculdades psíquicas, físicas e intelectuais que existem no corpo de um homem, na sua personalidade viva, e que tem de pôr em movimento para produzir coisas úteis”.

(GAUDEMAR, 1977, pág.: 189)

O trabalhador, dotado de sua força de trabalho, passa a ser livre nos aspectos *positivo e negativo*:

“Liberdade positiva: a força de trabalho é uma mercadoria que pertence como bem particular, ao trabalhador, que pode dela dispor à sua vontade; o trabalhador é então considerado como actor da sua própria liberdade. Liberdade negativa: o trabalhador não tem diante de si outra hipótese que não seja vender ou não a sua força de trabalho; não tem mais nada para vender, e na prática, ou vende a sua força de trabalho para viver, ou não a vende e morre”.

(GAUDEMAR, 1977, p. 190)

Dessa maneira, o trabalhador, impulsionado pelo capital, realiza o deslocamento a fim de obter o salário que sustentará o padrão de consumo capitalista. Assim, a necessidade pelo trabalho encontra na migração, sobretudo no seu aspecto pendular, a confirmação das relações laborais criadas no Capitalismo.

“A circulação das forças de trabalho é o momento da submissão do trabalhador às do mercado, aquele em que o trabalhador, à mercê do capital e das crises periódicas, se desloca de uma esfera de atividade para outra; ou por vezes aquele em que se sucede o trabalhador ser “sensível” a toda variação da sua força de trabalho e da sua atividade, que lhe deixa antever um melhor salário”.

(GAUDEMAR, 1977, p. 194)

Entender as migrações internas é mergulhar na configuração do espaço analisando seus arranjos espaciais dentro da lógica das interações, trazendo, assim, as causas e as consequências desses movimentos, fomentados, muitas vezes pela questão laboral. JARDIM (2011) irá definir migração pendular como uma das dimensões do deslocamento populacional no território ocorrido num determinado tempo e espaço, sendo tal visão a trabalhada pelo IBGE nos seus estudos.

O Censo de 2010 traz a discussão da migração pendular apontando os resultados da pesquisa do tempo de deslocamento que os trabalhadores levam para o trabalho, realizado em outros Municípios.

**Tabela 1: Pessoas ocupadas na semana de referência, que trabalhavam fora do domicílio e retornavam para seu domicílio diariamente, por tempo habitual de deslocamento para o trabalho – Cidade do Rio de Janeiro.**

Até 5 minutos	De 6 minutos até meia hora	Mais de meia hora até uma hora	Mais de uma hora até duas horas	Mais de duas horas	TOTAL
5,86%	32,54%	36,26%	21,34%	4,00%	100%

Fonte: IBGE, 2010

**Tabela 2: Pessoas ocupadas na semana de referência, que trabalhavam fora do domicílio e retornavam para seu domicílio diariamente, por tempo habitual de deslocamento para o trabalho – Brasil.**

Até 5 minutos	De 6 minutos até meia hora	Mais de meia hora até uma hora	Mais de uma hora até duas horas	Mais de duas horas	TOTAL
13,06%	52,21%	23,33%	9,62%	1,78%	100%

Fonte: IBGE, 2010

Percebemos que nas duas escalas discutidas os movimentos pendulares constituem uma variável importante na análise das interações espaciais ocorridas nos territórios. Na primeira tabela de um universo de 100% (2.064.874 pessoas entrevistadas) 57,6% demoram de meia hora a duas horas nos deslocamentos domicílio – trabalho, mostrando a relevância das migrações pendulares para a compreensão da construção das dinâmicas ocorridas na RMRJ. Já na segunda, dos 100% (61.589.232 pessoas entrevistadas) a média do tempo de deslocamento cai para de seis até meia hora (52,21%). Tais resultados foram, amplamente, divulgados pelos principais veículos de comunicação trazendo o processo de migração pendular e seus desdobramentos para a população.



**Figura 2 – Notícia do Site “G1”, veiculada no Jornal Nacional em 28/04/2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/04/rio-e-estado-onde-moradores-levam-mais-tempo-para-chegar-ao-trabalho.html> . Data do acesso, 17/9/2013 (modificado).**

O crescimento populacional estimulado pelo processo de desenvolvimento das metrópoles são complementos entre si, na medida em que, essa população será responsável pelo estabelecimento do mercado consumidor e, também, auxilia a necessidade de mão de obra para os setores produtivos. No entanto, a evolução desigual das cidades criam padrões de segregação nos aspectos políticos, econômicos e sociais, tornando-se assim, o motor para as migrações internas. Serão criados, entre as cidades, fatores de atração e fatores de expulsão orientadores do movimento populacional, como afirmado por SINGER (1998):

“Os fatores de expulsão definem as áreas de onde se originam os fluxos migratórios, mas são os fatores de atração que determinam a orientação destes fluxos e as áreas às quais se destinam. Entre os fatores de atração, o mais importante é a demanda por força de trabalho, entendida esta não apenas como a gerada pelas empresas industriais, mas também a que resulta da expansão dos serviços, tanto dos que são executados por empresas capitalistas como os que são prestadas por repartições governamentais, empresas públicas e por indivíduos autônomos”.

(SINGER, 1998, p. 40)

A compreensão dos movimentos pendulares, portanto, permite-nos conhecer as disparidades existentes entre os Municípios que compõem a RMRJ, bem como, apontar seus elementos de integração. Os processos condicionantes de uso e ocupação do solo,

responsáveis pela periferação em direção à Baixada Fluminense, apresentam-se como uma das causas da migração pendular, pois, é nesta realidade que o trabalhador necessitará da inserção no mercado de trabalho, oferecido, em maior quantidade, nas áreas de núcleo da Cidade do Rio de Janeiro. A partir disso, as relações territoriais dos trabalhadores com seus espaços de vivência, o trabalho e a moradia, sofrerão alterações no tocante ao sentimento de pertencimento e identidade.

“Portanto, entendemos que as migrações ocorrem numa relação dialética entre fenômenos de ordem social e econômica, configurando movimentos criados e dinamizados pelo sistema capitalista, mas que, por sua vez, também a agilizam e ampliam o grau de complexidade das contradições e redefinem espaços e territórios”.

(MELCHIOR, 2010, p. 11)

A lógica atual de flexibilização da produção acaba por gerar consequências negativas para o trabalhador. As exigências do mercado se tornam, cada vez, maiores dada a intensificação do desenvolvimento das técnicas. Além disso, as estratégias industriais depreciam a importância do trabalhador reduzindo-o a uma simples mercadoria descartável, não favorecendo os direitos próprios dessa classe. A precarização do trabalho é, sem dúvida, um dos principais estimuladores para o processo de migração pendular, orientadas pela lógica capitalista.

## **2.1- O trabalho numa perspectiva empírica: análise dos dados dos municípios de Seropédica e Duque de Caxias.**

O trabalho é parte constituinte, de suma importância, da engrenagem do capital na sua atuação perante os indivíduos e os processos econômicos de geração de lucro. Observaremos as relações laborais compreendendo a forma através da qual as pessoas irão se relacionar umas com as outras, e como gerarão a construção espacial condicionada por tais modelos de interação pessoal. Portanto, a análise empírica do trabalho nos revelou nuances próprias do movimento pendular ocorrido entre as áreas centrais da cidade do Rio de Janeiro e os municípios de Seropédica e Duque de Caxias introduzindo a observação sobre o grau de identidade dos trabalhadores com seus espaços de vivência: o local de trabalho e o de moradia. Utilizaremos as informações



extraídas dos dados obtidos nas entrevistas no bloco denominado **relações de trabalho** (vide o ANEXO 1).

### **2.1.1- O trabalho no Município de Seropédica:**

Atualmente, o modelo capitalista de produção exige dos trabalhadores intensa flexibilidade dos potenciais produtivos em prol de um mercado, intensivo nos padrões de oferta e procura de mercadorias. O indivíduo acaba por ser o principal lesado nesse quadro, já que a exploração do trabalho movimentada as atividades de produção, enxergando, dessa forma, os trabalhadores como simples mercadorias, “coisificando”<sup>2</sup> esse tipo de relação humana.

“O avanço científico possibilitou uma reordenação do trabalho dentro e fora da empresa, criando novas dimensões temporais no ambiente produtivo. De fato, a contemporaneidade envolveu-se num evidente paradoxo na organização dos tempos. De um lado, pugna-se pela redução da jornada de trabalho face ao crescimento da produtividade advindo da utilização da base tecnológica; de outro, a competitividade entre as empresas obriga os indivíduos a trabalharem cada vez mais e a estarem sempre à disposição do capital, constituindo uma verdadeira ameaça à liberdade e à vida privada”.

(MAÑAS, 2005, p. 21)

O fruto desta tendência de precarização observa-se nos 28 diferentes tipos de profissões mencionadas pelos trabalhadores nas entrevistas, entre elas: gari, porteiro, agente predial, doméstica, pintor, contador, cabeleireira, auxiliar de loja e motorista (somente 10% dos entrevistados possuíam formação profissional e exerciam tal função).

---

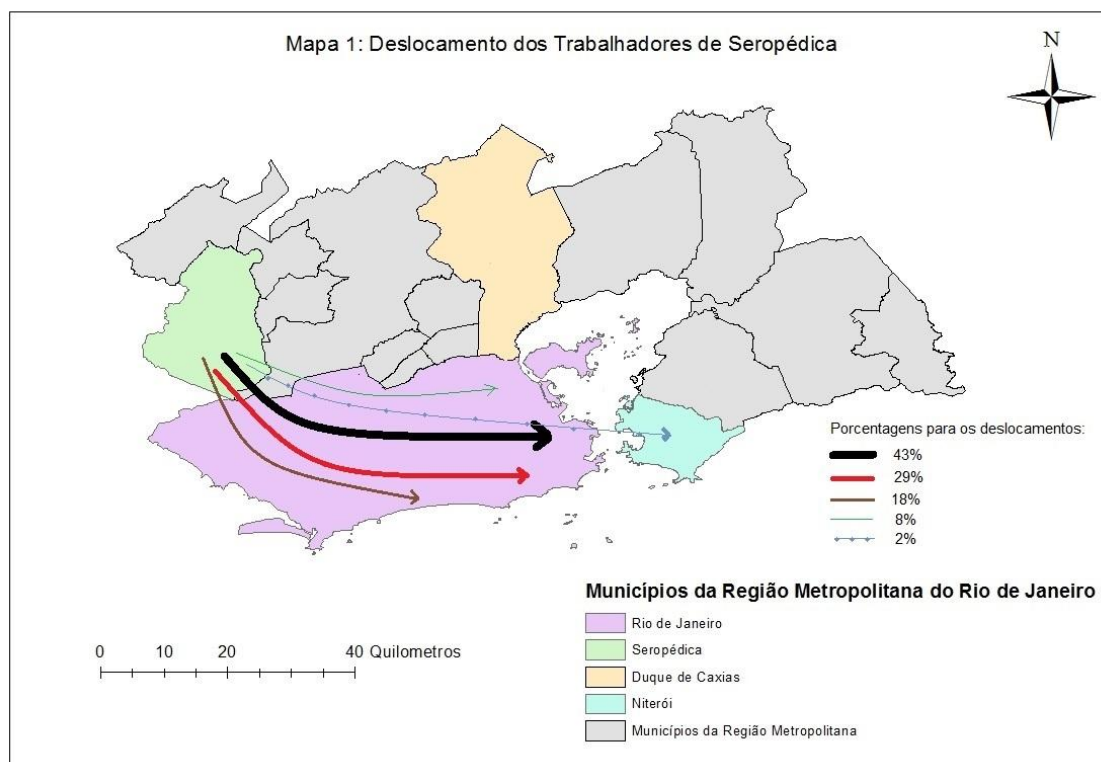
<sup>2</sup> Coisificação ou reificação, definido por Marx, em *O Capital*, é o tipo de relação travada na compra e venda da força de trabalho. De acordo com o autor, estando a força de trabalho no ramo das coisas e o dinheiro, ou equivalente geral, também, o trabalho acaba por ser a troca de coisas por coisas, mercadorias por mercadorias

## Gráfico 1 : Profissões em Seropédica



Fonte: Pesquisa de campo, 2011, 2012 e 2013. Organizado por Antônio Fernando Rodrigo de Oliveira

Os locais de trabalho são divididos, principalmente, nas regiões do Centro da Cidade e Zona Sul, as áreas de Núcleo da RMRJ e também na Zona Oeste (vale ressaltar o importante papel do crescimento da Zona Oeste como local de oferta de trabalho, representado pelo eixo Barra/Recreio dos Bandeirantes, moradia da nova classe média alta carioca).



Fonte: Pesquisa de campo, 2011, 2012 e 2013. Organizado por Antônio Fernando Rodrigo de Oliveira.

O perfil salarial dos trabalhadores mostra o quão precarizado são as relações de trabalho dos moradores de Seropédica. 54% recebem entre 1 e 4 salários mínimos. Verificou-se, também, que a renda familiar aumenta na medida em que há a complementação de outros membros da família: 16% das famílias possuem rendimento total entre 3 e 4 salários, enquanto que 31% possuem renda entre 5 e 7 salários mínimos. Assim, percebemos que esses membros da família são participantes ativos de geração da renda bruta familiar. Entretanto, a necessidade de entrada no mercado de trabalho para o auxílio nas despesas do lar pode levar, muitas vezes, à evasão escolar precoce, ou, até mesmo, a interrupção dos estudos, e, conseqüentemente, a incapacidade de inserção num mercado de trabalho, cada vez mais exigente.

67 % dos entrevistados se dizem satisfeitos com o trabalho que exercem 15% se dizem não satisfeitos e 18% são indiferentes a esse questionamento (não estão satisfeitos e nem insatisfeitos). Através desta constatação, observa-se que o grau de satisfação é oriundo, sobretudo, da oportunidade de receberem um salário, isto é, o trabalhador se sente privilegiado por estar empregado e não fazer parte do *exército de reserva*, mesmo quando este é precarizado e, muitas vezes da ausência de leis trabalhistas, como dito por SINGER (1999):

“A precarização do trabalho inclui tanto a exclusão de uma crescente massa de trabalhadores do gozo de seus direitos legais como a consolidação de um ponderável exército de reserva e o agravamento de suas condições”. (SINGER,1999, p.29)

Outro fator, que explica essa satisfação é a ausência de perspectiva de ascensão social e laboral na qual o trabalhador se insere. 44% dos trabalhadores entrevistados gostariam de exercer outra atividade, enquanto 56% não gostariam de mudar de atividade laboral.

Fruto da reestruturação produtiva do capital ocorrido nos anos 1990 e a implantação de métodos de produção próprios do modelo de acumulação flexível a subcontratação e a terceirização da força de trabalho ganham corpo, representando determinantes fatores de atração para as empresas nacionais e estrangeiras. Aliado à entrada do Neoliberalismo no Governo Collor e os ideais do Consenso de Washington, estabelecendo as diretrizes do Neoliberalismo para a América Latina, a relação laboral é depreciada, cada vez mais.

### **2.1.2- O trabalho no Município de Duque de Caxias:**

Como discutido, o padrão capitalista de flexibilidade das capacidades laborais é um padrão usado atualmente nos variados setores produtivos. A necessidade do trabalho leva o indivíduo a se submeter às iniciativas de flexibilização e desregulamentação própria da atual organização produtiva do capitalismo. Percebemos que, atualmente, o trabalhador é levado a buscar uma intensa qualificação para se enquadrar dentro das exigências do capital.

“A flexibilização, definitivamente, não é solução para aumentar os índices de ocupação. Ao contrário, é uma imposição à força de trabalho para que sejam aceitos salários reais mais baixos e em piores condições. É nesse contexto que estão sendo reforçadas as novas ofertas de trabalho, por meio do denominado mercado ilegal, no qual está sendo difundido o trabalho irregular, precário e sem garantias”.

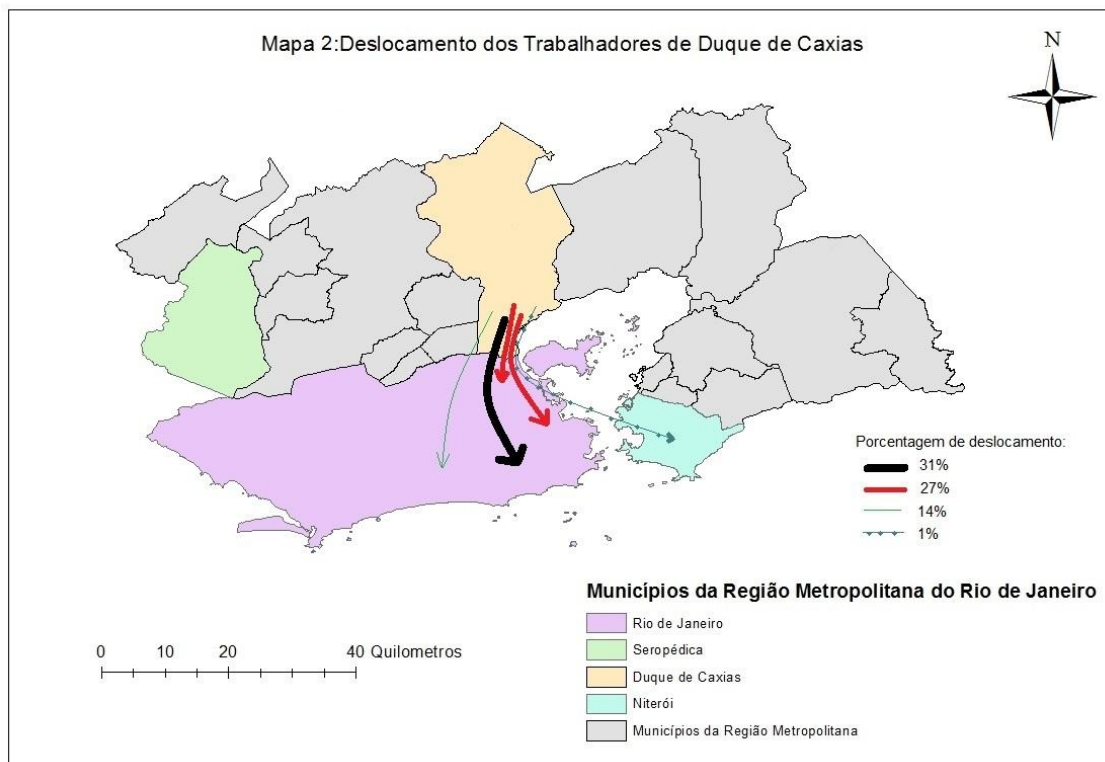
(VASAPOLLO, 2006, p. 46)

## Gráfico 2: Profissões em Duque de Caxias



Fonte: Pesquisa de campo, 2011, 2012 e 2013. Organizado por Antônio Fernando Rodrigo de Oliveira

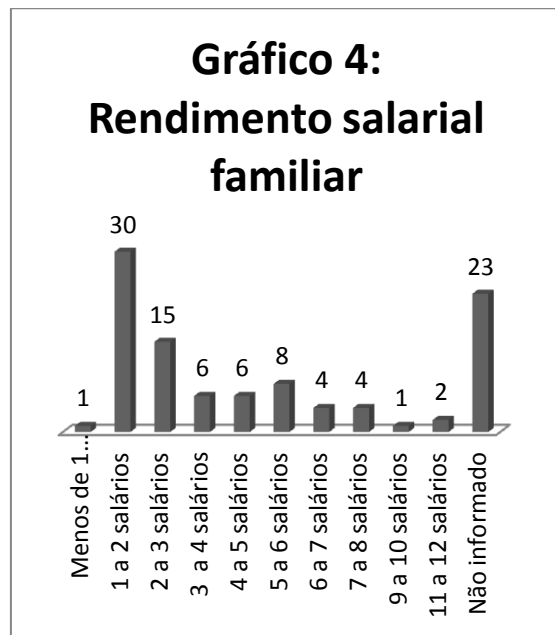
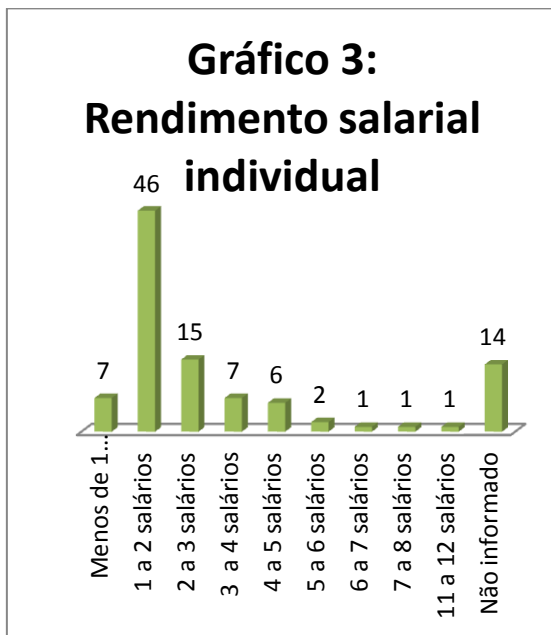
Quando perguntados sobre a profissão de origem foram verificadas 52 diferentes tipos de profissão, tendo como principais o ramo de prestação de serviços: auxiliar/assistente de serviços gerais, construção civil, doméstica, operador de caixa, telemarketing e costureira. Do grupo dos profissionais liberais observamos que dos 21%, 60% possuem curso técnico e 40% possuem superior completo e trabalham exercendo tal função, onde 79% são profissões do ramo de prestação de serviços e 21% classificados como profissionais liberais, com destaque para profissões de nível superior e técnico.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011, 2012 e 2013. Organizado por Antônio Fernando Rodrigo de Oliveira

Mais uma vez as áreas de maior absorção de mão de obra foram as Zona Sul e Centro, com o total de 58%. Além disso, observa-se a Zona Norte como polo de trabalho, tendo em São Cristóvão o seu maior representante e, o eixo oeste Barra/Recreio com 14%.

Comparemos, agora, os rendimentos salariais individuais e familiares:



Fonte: Pesquisa de campo, 2011, 2012 e 2013. Organizado por Antônio Fernando Rodrigo de Oliveira

Ao comparar os dois itens percebemos um pequeno aumento do nível de renda familiar, com destaque para a faixa entre 5 e 8 salários mínimos. Isso se dá pela inserção de outros membros da família, sobretudo os filhos (69% dos entrevistados possuem filhos e, desses, 14% trabalham e 9% trabalham e estudam), na contribuição financeira total da família. Já com relação à satisfação com o trabalho temos 79% satisfeitos, 12% insatisfeitos e o restante se mostram indiferente a esse aspecto. Apesar da suposta satisfação com o trabalho a maior parte dos entrevistados gostaria de realizar outras atividades, como autônomo e administrador, revelando, assim, a intencionalidade por uma autonomia laboral empreendedora.

## CAPÍTULO 3- GEOGRAFIA, TERRITÓRIO E IDENTIDADE

A identidade é um importante tema para a compreensão da construção espacial. As variadas áreas da ciência geográfica trabalham a identidade na sua relação específica de formulador da sociedade e seus desdobramentos na atualidade globalizante. Nosso objetivo, portanto, é aprofundar esse debate trazendo o estudo de caso dos trabalhadores realizadores do movimento pendular dos municípios de Seropédica e Duque de Caxias para as áreas centrais do Rio de Janeiro avaliando a forma através da qual suas identidades são construídas. Para isso, iremos fomentar a discussão conceitual de identidade e sua interligação com os territórios, trabalhando as informações extraídas das entrevistas com os trabalhadores nos municípios.

### 3.1 – O conceito de identidade

Buscamos analisar a identidade como um fenômeno que acontece no, e pelo território tendo como ator principal os indivíduos. As relações sociais desenvolvidas a nível territorial criam padrões culturais semelhantes agrupando-se, assim, num determinado grupo identitário. Dessa forma, estarão as identidades dentro de um movimento maior no qual cria tendências que serão validadas territorialmente. O “Circuito da Cultura” desenvolvido por GAY et al. (1997) insere a identidade como entidade participativa na construção dos caracteres da sociedade, fomentando ora padrões de homogeneização, ora padrões diferenciadores.



Figura 2: O circuito da cultura, segundo Paul de Gay et al. (1997) – modificado



O circuito acima, organizado por Paul de Gay; Stuart Hall; Linda Janes; Hugh Mackay e Keith Negus (1997) tomou o exemplo do uso do aparelho eletrônico *Walkman*, considerando-o como um artefato cultural. O circuito não possui uma linearidade fornecendo aos processos de **identidade; representação; regulação; consumo e produção**, liberdade para se relacionar de maneira independente. O ponto de partida da análise do exemplo foi o processo da **representação**, onde se localizam os sistemas simbólicos (textos, imagens, status, entre outros), estimulados, sobretudo pelas propagandas. Tais símbolos atuam na caracterização das pessoas agregando a essas todo o significado que o produto, supostamente, carrega. Na diferenciação dos que possuem e dos que não possuem ou na homogeneização dos costumes as **identidades** são construídas (nesse caso, criando a “sociedade do walkman”). As identidades criadas fomentarão a **produção** técnica do objeto e sua demanda de mercado e o **consumo** irá definir a **regulação** dos preços, retornando ao início do ciclo. A identidade, portanto, pode ser definida como um processo de construção e delimitação de padrões culturais, fomentados por entidades sociais (políticos, econômicas, étnicas, linguísticas, visuais, entre outros), nos quais estabelecem diferenciações e homogeneizações, concomitantemente.

“Entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo (...). No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes”.

(CASTELLS, 2001, p. 22)

GOFFMAN (1988) delimita que os indivíduos possuem duas identidades: a *virtual* e a *real*.

“A primeira é o conjunto de exigências que se imputa aos indivíduos, seus papéis sociais em grupos de interação formalizados, ou seja, atributos que são tidos como normais e esperados nos círculos sociais formais regidos e preestabelecidos por instituições sociais. A segunda constitui os atributos que realmente o indivíduo possui e que, ensejam sua personalidade real, isto é, o conjunto de possibilidades psíquicas, culturais e biológicas que caracterizam o indivíduo em sua totalidade, desvinculando-o das necessidades representativas exigidas nas relações que se inserem em meios de interação formal redigidas por institucionalizações sociais preexistentes”.

(COSTA, 2005, p. 82-83)

São as exigências da *identidade virtual* somada aos aspectos próprios do indivíduo, sua *identidade real*, que irão definir o padrão de exigência identitária dos variados grupos localizados no território. Haesbaert (1999) contextualiza, ainda, a formação da identidade partindo do princípio **reflexivo/relacional** demonstrando que “*identificar-se é sempre um processo de identificar-se com*” a partir de um **movimento** agregador de outras identidades. Assim, compreendemos a função de processo no qual a identidade irá possuir dentro de seu aspecto de multiplicidade. Dentro da formação identitária estarão os grupos determinantes do conteúdo simbólico que irão representar a afirmação da identidade, assim como define CASTELLS (2001):

“Advento aqui a hipótese de que, em linhas gerais, quem constrói a identidade coletiva, e para quem essa identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem. Uma vez que a construção social da identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder”.

(CASTELLS, 2011, p. 24)

[grifos nossos]

Dessa forma, a definição do conceito de identidade perpassa no diálogo com outras definições importantes para sua apreensão: **diferença, representação e território**.

A partir do viés territorial iremos ratificar a importância deste recorte geográfico na materialização da identidade, uma vez que, é a partir dele que os diferentes grupos identitários demarcarão suas relações de poder agregando símbolos, costumes e culturas próprias. Segundo Costa (2005) mesmo sendo a cidade um espaço marcado por inúmeras diferenças os grupos buscarão, sempre, agregar seus valores e signos junto ao território a fim de manter suas necessidades relacionais e sua identidade. Assim, o território passa a ser um mecanismo de ampliação e divulgação das identidades, tornando-se, portanto, como lugar da territorialização das identidades. É nessa perspectiva que pensamos a relação existente entre o trabalhador migrante e sua relação de identidade com seu ambiente de convívio, trazendo a relevância do discurso territorial para a compreensão dessa relação.

### 3.1.1. – Identidade e diferença

A essência das identidades se dá a partir de algo (ou alguém) que se projeta para fora dela em comparação com o outro, marcando, assim, a importância da **diferença**. Os símbolos fomentarão a demarcação identitária incorporando significado ao consumo cultural adquirido pelos indivíduos. A identidade pode ser entendida, de maneira simplória, como “aquilo que se é”. A diferença, por outro lado, será enxergada como “aquilo que o outro é”. É nesse jogo de sentidos linguísticos que a identidade e a diferença irão se complementar já que só posso ser entendido como sujeito se me comparo com outros, assim como só posso me definir “flamenguista” se nego outros times de futebol. Dessa maneira, apesar de parecer “um fim em si mesmo” a identidade e a diferença terá uma relação direta na ratificação das classificações identitárias.

“Em geral, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos. Por sua vez, na perspectiva que venho tentando desenvolver, identidade e diferença são vistas como mutuamente determinadas”.

(SILVA, 2012, p. 76)

Existe um fator de semelhança possuidor de um papel significativo na formatação da identidade e da diferença: as **relações de poder**. Elas são responsáveis por delimitar cada porção do território a qual cada identidade irá se estabelecer, travando disputas e imposições aos indivíduos. As relações de poder serão expressas graças a apropriação simbólica de materiais que, juntos, agregarão um conjunto determinante das identidades e das diferenças. Esse processo poderá ocorrer de forma impositiva ou de maneira sutil (implícita) variando de acordo com o objetivo dos grupos de poder envolvidos.

Segundo Silva (2012) as ações da demarcação do poder na identidade e na diferença podem ser marcadas por: *“incluirm/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons” e “maus”; “puros” e “impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”)* e *normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”)*.

É a partir das relações de poder que a identidade é agregada com o conceito de território, fornecendo, um ao outro, sentido de existência. Debateremos tal assunto no tópico “**Identidade e território: uma análise geográfica do conceito**”.

### **3.1.2. – Identidade e representação:**

As identidades encontram nas representações mecanismos de afirmação e divulgação, assim como as representações são ratificadas pelas identidades. Nessa relação os indivíduos se apropriarão de simbologias específicas a cada grupo identitário, passando a incorporá-los como elementos constituintes de sua personalidade.

“A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-os como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar”.

(WOODWARD, 2012, p. 17-18)

Os agentes midiáticos, atualmente, são grandes formadores da representação identitária a partir da venda de símbolos ligados à cultura do consumo. Eles estabelecem, portanto, relações de poder perante os indivíduos que procuram padrões e tendências que legitimem sua identidade.

## **3.2 – Identidade e território: uma análise geográfica do conceito**

O discurso da identidade ganha espaço, nos últimos tempos, graças à intensificação de outro processo amplamente discutido na Geografia e nas Ciências Humanas: a globalização. Apesar de possuir divergências quanto ao seu “nascimento” é no bojo da *Revolução dos Meios Técnicos, Científicos e Informacionais* da década de 1970, como afirmado por Santos (2001), que o capitalismo caminha para sua hegemonia, consagrado no início dos anos 90 com o fim da URSS. A globalização possuirá três caracterizações principais, segundo Santos (2010):

“De fato, se desejarmos escapar à crença de que esse mundo assim apresentado é verdadeiro, e não queremos admitir a permanência de sua percepção enganosa, devemos considerar a

existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização”.

(SANTOS, 2010, p.19)  
[grifos nossos]

Dentro dessa perspectiva de mundo, o conceito de identidade ganha espaço na medida em que a estrutura homogeneizante da globalização, difundida pelos blocos internacionais de poder, enfrenta o aparecimento da heterogeneidade singular e fragmentadora do território. Assim, entendemos que apesar da existência de discursos que fomentam a ideia de que a globalização, e que seu processo de homogeneização dos padrões culturais da sociedade, levariam ao fim dos territórios, o que se observa é a (re)apropriação territorial realizada, em diversas escalas, pelas identidades.

Segundo Haesbaert (2011) o “mito da desterritorialização” é criado nesse momento onde o avanço das técnicas e a aniquilação do espaço pelo tempo (HARVEY, 2011) trazem a noção do fim da organização territorial tal como conhecemos. Ao contrário do veiculado os territórios estão, cada vez mais, concretos e bem definidos por suas instâncias de poder e, sobretudo, pelas identidades.

“Ou seja, trata-se da já antiga confusão que resulta principalmente da não explicitação do conceito de território que está utilizando, considerado, muitas vezes, sinônimo de espaço ou de espacialidade, ou, numa visão ainda mais problemática, como a de simples e genérica dimensão material da realidade”.

(HAESBAERT, 2011, p.25)

Aprendemos que essa visão é superada pela tendência do homem possuir, cada vez mais, necessidade de se apropriar de um espaço buscando objetos, elementos, símbolos e ideias que se assemelham a outros indivíduos, criando, assim, territorialidades. Em outras palavras, na medida em que avançam os processos de globalização as marcas territoriais traçadas pela produção espacial do homem criam particularidades sociais que, juntas, desenvolvem processos de identidade e cultura, configurando-se essenciais para a vida das pessoas:

“(…) geralmente acredita-se que os *territórios* (geográficos, sociológicos, afetivos...) estão sendo destruídos, juntamente com as identidades culturais (ou, no caso, territoriais) e o controle (estatal, principalmente) sobre o espaço. A razão instrumental, através de suas redes técnicas globalizantes,

tomaria conta do mundo... Como se a própria formação de uma consciência – mundo não pudesse reconstruir nossos territórios (de identidade, inclusive) em outras escalas, incluindo a planetária (...).”

(HAESBAERT, 1994, p.210)

As relações sociais se dão no âmbito do espaço e são influenciadas por ele, por ser através das interações espaciais que todos os atores e objetos presentes, sobretudo o homem, possuirão o potencial de influenciar e de ser influenciado, espacialmente falando. É no uso do espaço que as identidades irão se materializar, pois a apropriação de um território marca o lugar onde as semelhanças de ideias, crenças, pensamentos e ideologias se expressam. Segundo Lefébvre o espaço é o *locus* da reprodução das relações sociais de produção (CORRÊA 2011, p. 25). Como afirma, também, HAESBAERT:

“Partimos do pressuposto geral de que toda a identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identidade social”.

(HAESBAERT 1999, p.172)

O território, segundo Haesbaert (2011), pode ser agrupado a partir de três vertentes básicas: *Política ou Jurídico-política; Cultural; Econômica e Naturalista*. Sendo assim, iremos nos apropriar da segunda noção para discutir a relação **identidade x território**.

As identidades territoriais são aquelas que necessitam do território para sua expressão espacial. É na lógica territorial que as relações de identidade serão construídas dentro do imaginário social, agregando elementos simbólicos determinados na interação do homem com seu espaço de vivência. Na medida em que a história se cria os sentimentos de familiaridade e pertencimento são traduzidos na memória social a partir da interação do passado com o presente.

“Deste modo, a construção da “comunidade imaginada” francesa, italiana ou portuguesa faz com que eu aja como francês, italiano ou português, não apenas, na maioria dos casos, porque falo uma língua distinta e sou identificado como portador de determinadas distinções mas porque me sinto “pertencente” a um determinado recorte territorial (nacional, no caso)”.

(HAESBAERT, 1999, p. 180)

São os processos, isto é, as interações ocorridas entre o espaço e o tempo os responsáveis pela construção territorial tendo na identidade um membro constituinte dessas relações. Dessa forma, o estudo de caso dos Municípios em questão trabalharão a relação espaço-tempo na construção das territorialidades e temporalidades (Saquet, 2011) (re)formuladores das identidades dos trabalhadores em sua migração pendular.

## **CAPÍTULO 4 – IDENTIDADES NA BAIXADA FLUMINENSE E O ESTUDO DE CASO DOS MUNICÍPIOS DE SEROPÉDICA E DUQUE DE CAXIAS.**

Os municípios de Seropédica e Duque de Caxias não foram escolhidos de forma aleatória. Nosso foco era trazer, à luz da questão da identidade e da migração pendular de dois municípios constituintes da Baixada Fluminense que representassem divergências e semelhanças próprias da área estudada. As características particulares dessas cidades em seus aspectos históricos, econômicos, sociais e políticos já introduzem a ideia da não existência de uma identidade homogênea da Baixada Fluminense, apesar de alguns grupos políticos se esforçarem para criá-la.

“Assim, a Baixada Fluminense é produto, também, de uma representação do poder político local, que atribui um caráter personificado a esta área, constituindo, assim, a chamada Região da Baixada Fluminense, que nada mais é que a Baixada politicamente articulada em torno de interesses comuns. Ou seja, a Baixada Fluminense é produto, também, da representação política do poder político local, que usa o imaginário regional para construir, legitimar a existência regional de um território da Baixada”.

(ROCHA, 2009 p. 105)

Necessitamos compreender, por conseguinte, as relações existentes entre espaço e política entre os quais formaram as dinâmicas políticas, econômicas e sociais existentes no contexto da Baixada Fluminense. Inicialmente, cremos que a interação espaço/política conduz a formação territorial das identidades a partir de práticas conduzidas pelos variados grupos de poder existentes no território. A sociedade e o espaço se relacionarão, também, a partir das determinações políticas ditadas por conflito de interesses engendrados por correntes ideológicas, econômicas e sociais, tornando-se, assim, sujeitos e objetos de relações políticas ocorridas da interação social. Como forma de manutenção da ordem a sociedade abre mão de sua liberdade individual para que, assim, o espaço possa se tornar um ambiente propício ao convívio humano. Dessa maneira, concordamos com Castro (2012) quando afirma que o espaço da política representa “*um espaço organizado pela força e pelo poder em diferentes escalas*”.

São através das delimitações impostas pela política que os territórios serão formados, delimitando a espacialidade que será agregada pelas identidades. Ademais, os discursos políticos são elementos agregados pelos grupos de poder locais usados na



construção e imposição de elementos representativos das identidades, como veremos dentro do estudo de caso dos Municípios.

Investigaremos, além disso, os processos de formação dos municípios em questão dialogando com o conjunto de ações territoriais que definem as identidades locais, utilizando as informações extraídas das entrevistas.

## **4.1 – O ontem e o hoje na formação das identidades da Baixada Fluminense**

### **4.1.1 – Análise de Seropédica**

A vocação do então Segundo distrito de Itaguaí para a extração da cera deu a Seropédica status econômico de importância regional. Seu nome foi construído, em 1875, pelo neologismo das palavras *sericeo* ou *sérico*, de origem latina, significando cera, e *pais ou paidós*, de origem grega, que significa consertar.

Em 1938, iniciou-se a criação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro ganhando o atual campus dez anos depois. Consideramos a presença da Universidade, além do viés econômico de importância, um importante representante da formação identitária da população local. No entanto, o movimento que fragmenta Seropédica da cidade de Itaguaí é o ponto chave para entendermos a construção da identidade da localidade.

Emancipado há cerca de quinze anos, Seropédica possui fortes ligações políticas, econômicas e sociais com a cidade de Itaguaí, já que era um bairro deste município. As emancipações ocorrem, geralmente, como o ápice do momento histórico onde surgem movimentos internos liderados por **grupos de poder** (políticos, econômicos e sociais) dominantes desejosos de uma reconfiguração política/territorial.

Em geral, esses movimentos acontecem pela necessidade de autonomia perante o grupo dominante (nesse caso a sede municipal) e, além disso, pela existência de uma identidade local forte. Além disso, há a uma tomada de consciência por parte da população, juntamente com os grupos de poder (político e econômico), para minimizar as dificuldades de acesso a benefícios que deveriam ser garantidos pelo Governo municipal. Assim, a criação de uma nova sede municipal garantiria a criação de um novo corpo político (câmara municipal, prefeitura) e, também, geraria arrecadação de impostos que poderiam ser investidos diretamente na região.

“Sendo assim, tentar trazer a sede do município, e do poder para mais perto de si é uma forma de ter acesso a este. Com o poder, ou próximo a ele, consegue-se o atendimento de necessidades elementares, que para serem satisfeitas, se utilizam do território como instrumento de extensão dos bens e serviços a esta população, que é uma das formas de se propiciar a cidadania”.

(SIMÕES, 2006, p.42)

Nas entrevistas, fica clara a existência da interligação entre esses municípios, nos aspectos de formação socioespacial dessas áreas. As informações extraídas ratificaram nossa ideia comprovando que 14% dos entrevistados nasceram em Itaguaí (onde 75% possuem familiares neste local e 62% visita-os frequentemente) e, atualmente, moram em Seropédica (83% dos entrevistados moram em Seropédica, dividindo-se em 13 bairros localizados nas intermediações do centro da cidade).

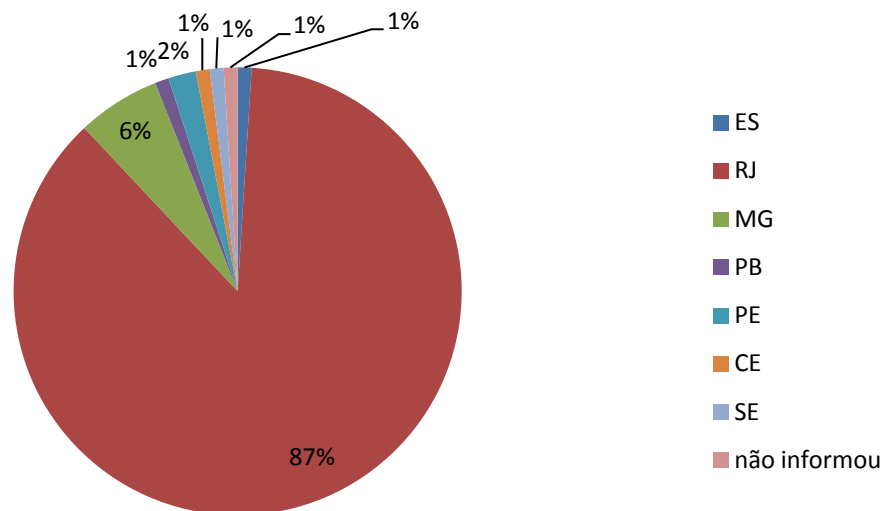
O distanciamento com as zonas centrais de Itaguaí, a grande quantidade de sub-bairros existentes (os chamados “*quilômetros*”<sup>3</sup>) e o forte comércio presente na área próxima a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro explicam o poder local que Seropédica já possuía. A partir disso, entende-se que a identidade de Seropédica já existia bem antes da cidade, mas, só foi possível se espacializar na medida em que a emancipação se tornou realidade.

O estabelecimento das identidades é fruto, também, das realidades históricas dos grupos migrantes que povoam as regiões. Dessa forma, a fim de investigarmos a origem dos entrevistados perguntamos quais seriam seus locais de nascimento. De 100%, 14 % nasceram em Itaguaí, 46% no Rio de Janeiro e, somente, 7% são oriundos de Seropédica. Os 14% de nascidos em Itaguaí e, atuais moradores de Seropédica demonstram, mais uma vez, a relação intrínseca existente entre esses municípios. Este fato se dá graças à existência de melhor infraestrutura de saúde em Itaguaí, inclusive com maternidades bem equipadas. Vale lembrar que a geração de cidadãos seropediquenses só se inicia após a emancipação ocorrida em 1997.

---

<sup>3</sup> Os moradores de Seropédica designam seus bairros através da marcação de quilometragem, isto é, pontos de referência marcados, não precisamente, no sentido Norte – Sul. Os principais pontos são: km 5 (antigo km 49) centro da cidade de Seropédica, km 7 (antigo km 47) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, km 12,3 (antigo km 42) entroncamento com a RJ-099, acesso a Itaguaí e ao Porto de Itaguaí, km 14,9 (antigo km 39) Entrada para o bairro Campo Lindo através da rua José Eleotério, km 19,8 (antigo km 32) entroncamento com a RJ-105, acesso a Nova Iguaçu. Atualmente, os habitantes de Seropédica ainda utilizam as antigas demarcações de quilometragem para se referenciar geograficamente.

### Gráfico 5: Estados de Origem



Fonte: Pesquisa de campo, 2011, 2012 e 2013. Organizado por Antônio Fernando Rodrigo de Oliveira

87% dos entrevistados são naturais do Estado do Rio de Janeiro. No entanto, esta porcentagem se refere a uma segunda e terceira geração dos migrantes advindos de diversos Estados da Federação. Pôde-se depreender, então, que essa população mais idosa participou dos movimentos migratórios de vinda para as grandes metrópoles brasileiras, configurados por outros momento econômicos do país, motivados sobretudo, por trabalho e por melhores possibilidades de ganhos de renda. Estes, posteriormente, se territorializaram e geraram suas famílias e seus ciclos sociais nesta região. Dessa maneira, constata-se que, a descendência familiar, quase sempre, carrega vínculos com outras regiões, determinando processos migratórios passados.

75% ainda possuem familiares no seu local de origem, tanto Estadual quanto Municipal, e 25% não possuem. Dos 75%, 62% mantêm contato com esses familiares. Quando questionados sobre a possibilidade de migração de retorno percebemos que: 45% não possuem vontade de voltar ao local de origem e 19% confirmam o desejo de retorno. Esse movimento de reterritorialização faz parte da herança de muitos trabalhadores de Seropédica mostrando a capacidade que seus grupos parentais tiveram de adequação, no passado, dentro do território, proporcionando, o estabelecimento de relações de trabalho e a criação de novos vínculos sociais e familiares numa nova perspectiva de lugar.

A migração de retorno passa a ser uma realidade distante dentro da lógica da reterritorialização já que o migrante passa a estar no território, travando relações e construindo novas identidades locais.

“O imigrante só deixa de sê-lo quando não é mais assim denominado, e, conseqüentemente, quando ele próprio assim não mais se denomina, não mais se percebe como tal. E a extinção desta denominação apaga, a um só tempo, a questão do retorno inscrito na condição do imigrante”.

(SAYAD, 2000, p. 11)

Tal noção está ligada ao processo psíquico do migrante uma vez que fará a ligação do passado, presente ou distante, e o seu atual estado de vida. O conjunto de ações e objetos espaciais que irão formar o ser social determina a condição do migrante como membro ou não do seu espaço de vivência, capaz de estimular ou aniquilar as expectativas de retorno ao antigo lar. O retorno está ligado a volta de um passado, muitas vezes distante. No entanto, o processo de desterritorialização e reterritorialização, em muitos casos, não é capaz de ocultar sentimentos nostálgicos e, de identidade com sua terra natal, podendo se tornar, assim, construtores de uma identidade mesclada com elementos do novo e do antigo território.

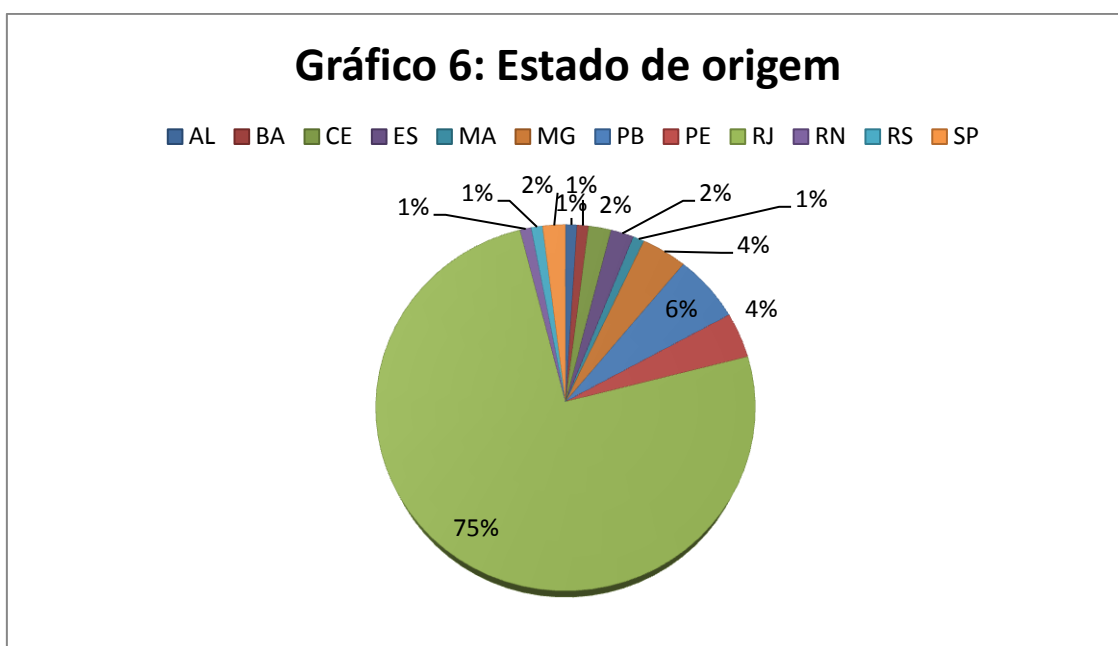
#### **4.1.2 – Análise de Duque de Caxias**

A formação da cidade de Duque de Caxias como um dos núcleos da Baixada Fluminense carrega uma grande relação com o processo de criação de sua identidade local. Originada de Nova Iguaçu, assim como os municípios de Queimados, Japeri, Nilópolis e Belford Roxo, a presença das elites alfandegárias locais sempre foi fator relevante na formação social desse local. Como exemplo máximo disso temos a figura de Tenório Cavalcante, latifundiário local que chegou à política graças a suas práticas populistas e seu poder ratificado por seu grupo de extermínio, os chamados “esquadrões da morte”.

“Entretanto, a criação do distrito de Caxias em 1931 pode ser entendida como o reconhecimento da emergência de um novo foco de poder político no município e uma recomposição da base territorial do poder municipal, quanto pode ser lida como fruto de uma estratégia para arrefecer os ânimos de uma nascente insatisfação de parte da elite local.

(SIMÕES, 2006, p.144)

A inserção de Duque de Caxias como um dos principais centros da Baixada Fluminense, bem como sua participação no contexto histórico de ocupação dessa região se faz presente na caracterização da sua população. A constituição da naturalidade dos moradores de Caxias carrega a própria história migratória na qual formou o espaço que conhecemos hoje. Tal aspecto é explicitado na diversidade de localidades de origem dos entrevistados. Foram enumerados 23 diferentes municípios de origem entre os diversos Estados do país, dentre alguns temos: Orobó/PB, Terra Branca/PB, Baía da Tradição/PB São João de Meriti/RJ, Nova Iguaçu/RJ, Bonsucesso/RJ, Mangaratiba/RJ e Belford Roxo/RJ. Com relação aos Estados de origem temos:



Fonte: Pesquisa de campo, 2011, 2012 e 2013. Organizado por Antônio Fernando Rodrigo de Oliveira

Os 75% originários do Estado Rio de Janeiro, da mesma forma que em Seropédica, representam os descendentes de gerações passadas de migrantes que se *desterritorializaram* e se *reterritorializaram* retomando suas vidas em Duque de Caxias.

“Simplificadamente, podemos afirmar que a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território (...) e a reterritorialização é movimento de construção do território”.

(HAESBAERT, 2011, p. 127)

Dessa forma, percebemos que 25% dos trabalhadores entrevistados são possuidores de raízes parentais advindas de outros Estados brasileiros, destacando os

16% de migrantes nordestinos. O movimento migratório nordestino tem historicamente, como principal foco a região Sudeste. Mesmo que com menor força atual esses movimentos foram grandes responsáveis na formação socioespacial de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, sendo esses originados pela busca por trabalho e superação das condições precárias vividas nas cidades do Nordeste.

Do total entrevistado, 33% possui família no seu local de origem, enquanto 16% não possuem familiares (o restante, 51%, são dos descendentes de migrantes reterritorializados que já possuem familiares em Duque de Caxias). 38% não possuem vontade de voltar pra terra natal, enquanto 27% possuem vontade. Com isso, fica clara a criação de fortes laços sociais e econômicos no atual local de moradia, impedindo a migração e retorno, mesmo tendo a nostalgia, intrínseca, com sua região original. Na medida em que a relação com o território se intensifica a necessidade da (re)ligação com o passado se torna mais distante. O desejo da ubiquidade, isto é, a capacidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo, vai se tornando passageira frente as novas realidades sociais vividas por eles na esfera do território.

#### **4.2 – Trabalho, migração pendular e identidade: os desdobramentos para os Municípios**

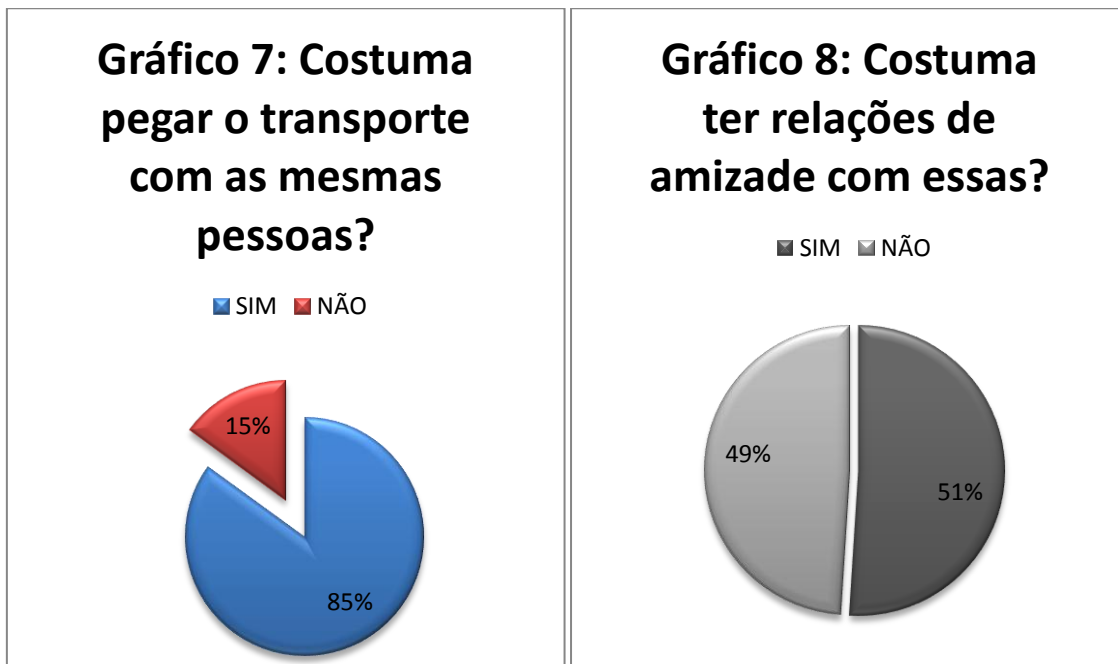
A necessidade do trabalho e a migração pendular trazem ao trabalhador consequências negativas no tocante à sua relação com o seu local de moradia, bem como o seu grau de identificação com seu espaço de vivência e suas relações sociais. Entretanto, a necessidade de se espacializar fomenta a manutenção e o (re) surgimento de particularidades territoriais, isto é, mesmo com pouco tempo no seu município os trabalhadores estabelecem vínculos de amizade e familiaridade com o território e com as pessoas que ali moram. Ademais, abrem-se novas possibilidades de territorialização das identidades a partir das relações travadas dentro dos meios de transporte que levam os trabalhadores para sua atividade laboral diária.

Constatamos, portanto que a migração pendular possui um potencial (re)construtor das identidades locais nos Municípios em questão, pois, a partir das demandas laborais e das consequências dos longos deslocamentos realizados os trabalhadores passam a se relacionar de maneiras distintas com seus espaços de vivência: seu local de moradia e seu local de trabalho.

#### **4.2.1 – Relações de mobilidade e identidade em Seropédica**

Nas entrevistas realizadas em Seropédica verificamos que 93% dos entrevistados demoravam entre 2 e 3 horas para chegar ao trabalho e 95% demoravam de 2 a 4 horas para voltar para suas casas (destacando o 1% de 5 horas de demora, em dias de engarrafamento nas vias principais de acesso ao centro). Considerando que mais da metade dos entrevistados possuem uma carga horária de 40 horas semanais se percebe a existência de pouco tempo disponível para o consumo do espaço onde moram. Dos entrevistados, aproximadamente 30% usam o tempo que não estão trabalhando para realizar atividades como almoço em restaurantes, pagamento de contas e compras. Entretanto, 70% evitam sair do trabalho nas horas vagas a fim de se evitar gastos. Percebemos, então, que apesar das necessidades específicas de cada indivíduo pela interação espacial, o local de trabalho não se torna atrativo na medida em que não representa a memória afetiva e familiar dos indivíduos, não sendo capaz, assim, de formular um padrão identitário, mesmo com a existência de longos períodos de convívio diário. Um importante estimulador/inibidor do consumo do espaço de trabalho é o fator renda, pois é de acordo com o padrão salarial do indivíduo e de que maneira as finanças permitem o gasto em supérfluos, que essa relação será fomentada.

Outro elemento de análise que pode caracterizar territorialidades é a análise do convívio dos trabalhadores nos meios de transporte. O encontro diário e o tempo gasto dentro do transporte podem vir a ocasionar o nascimento de vínculos entre as pessoas.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011, 2012 e 2013. Organizado por Antônio Fernando Rodrigo de Oliveira

Com a necessidade do movimento pendular o indivíduo passa a construir novas formas de relacionamento social em novos locais. Os longos trajetos de ida e volta de casa para o trabalho e a utilização do mesmo tipo de transporte diariamente possibilitam o estabelecimento do contato entre os trabalhadores. Apesar de a maioria ter o costume de pegar o ônibus com as mesmas pessoas, tal fato não se reflete no percentual de amizades construídas nessa ocasião. Logo, ressaltamos, mais uma vez, a importância do aspecto territorial no estabelecimento das identidades, determinando o grau de afetividade e relacionamento dos indivíduos entre si e com o território.

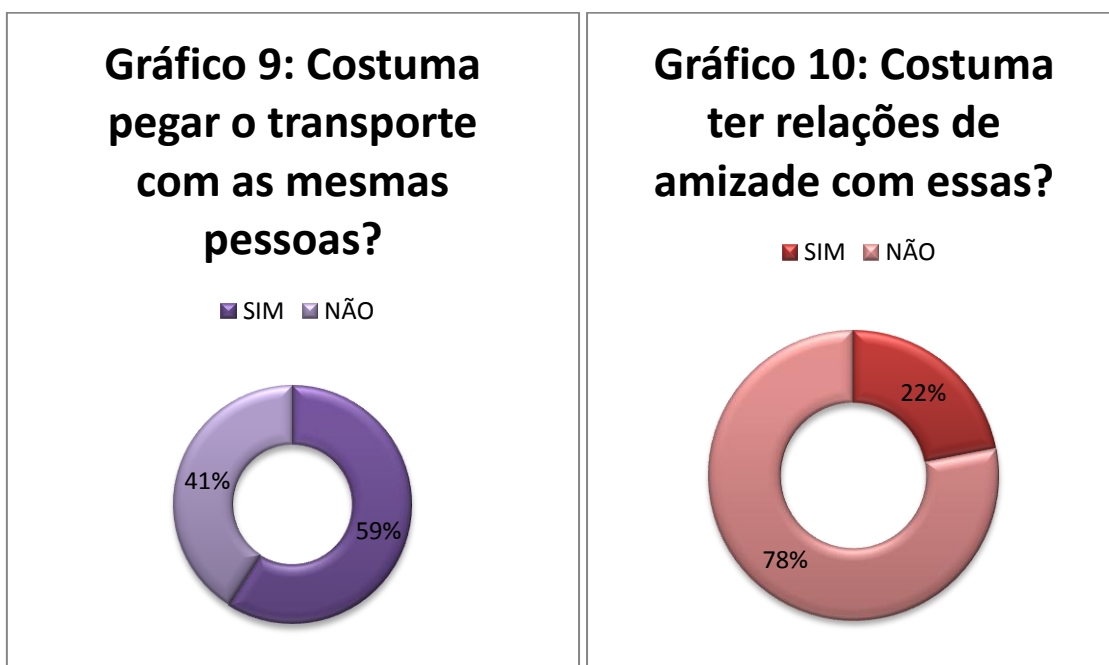
A relação de identidade e pertencimento pôde ser confirmada a partir dos resultados que nos informaram que, do total entrevistado, 47% frequentam a cidade do RJ (praias e shoppings, em sua maioria) nos finais de semana, enquanto 53% permanecem em Seropédica (ainda que 76%, do total, possuam amigos no RJ). A dificuldade de acesso viário às regiões centrais do Rio de Janeiro somadas ao pequeno grau de identificação com tais áreas inibem um maior envolvimento dos trabalhadores com essas aos finais de semana.



#### 4.2.2 – Relações de mobilidade e identidade em Duque de Caxias

91% dos trabalhadores de Duque de Caxias relataram demorar de 1 a 2 horas no trânsito na ida, enquanto 89% perdem de 1 a 2 horas na volta aos seus locais de trabalho. Importante ser notado a presença dos 1% que demoram até 30 minutos pra chegar ao trabalho. A proximidade com o Rio de Janeiro e a existência de mais vias de acesso diminuem, consideravelmente, o tempo do percurso.

Em ambos os Municípios se verificou que, nem sempre, o convívio diário nos meios de transporte irão favorecer o estabelecimento de amizades. Daí a importância que o território possui como facilitador das relações sociais e, conseqüentemente, das identidades.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011, 2012 e 2013. Organizado por Antônio Fernando Rodrigo de Oliveira

No tocante à relação com seu local de trabalho 60% aproveita o tempo vago, geralmente o horário de almoço, para realizar atividades como compras, pagamento de contas e almoço. No entanto, 40% evitam sair do trabalho pra evitar gastos extras. A proximidade com os aspectos políticos, econômicos e sociais aliado ao desenvolvimento de Duque de Caxias como um dos principais núcleos da Baixada Fluminense no contexto de inserção com a RMRJ fomentam relações de familiaridade com o local de

trabalho, maiores do que as ocorridas em Seropédica (somente 30% utilizam o tempo vago para realizar atividades no local onde trabalha).

As áreas centrais do Rio de Janeiro atraem 41% dos trabalhadores de Duque de Caxias nos finais de semana (para locais como shoppings, praias e cinemas), enquanto 59% preferem permanecer em Caxias. Outro fator importante na análise das relações territoriais de identidade se dá no fato de 73% possuírem amigos no Rio de Janeiro, mas somente 35% desses visitam-nos, constantemente (27% não possuem amigos no Rio de Janeiro).

#### **4.3- Territorialidade e identidade: relações indivíduo x território**

Os trabalhadores exercem uma relação com dois territórios: o local de trabalho e o de moradia. As duas opções possuem elementos representativos e simbólicos que irão possibilitar tais indivíduos a interagir com eles. As informações extraídas das entrevistas evidenciaram que a verdadeira territorialidade e identidade se apresentam no município onde moram, uma vez que, é lá onde a apropriação territorial ocorre, sobretudo, oriunda das relações sociais, trazendo, consigo, afetividade e familiaridade.

A compreensão desse processo passa, necessariamente, pelo entendimento do conceito de **territorialidade**, definido como fenômeno no qual ocorrem quatro níveis de ação por parte do indivíduo: as relações sociais, as apropriações, as intencionalidades e as práticas.

“Entendemos a territorialidade em quatro níveis correlatos: a) como relações sociais, identidades, diferenças, redes, malhas, malhas, nós, desigualdades e conflitualidades; b) como apropriações do espaço geográfico, concreta e simbolicamente, implicando dominações e delimitações precisas ou não; c) como comportamentos, intencionalidades, desejos e necessidades e, por fim, d) como práticas espaço-temporais, multidimensionais, efetivadas nas relações sociedade-natureza”.

(SAQUET, 2011, p. 78)

Portanto, os trabalhadores desenvolvem uma relação de identidade e territorialidade com seu espaço de moradia na medida em que é neste onde estarão suas socializações concretas no espaço, definidas dentro de um padrão social pré estabelecido pelos grupos de poder local. Os elementos que constituirão e manterão uma identidade forte estarão presentes na atuação/interesse dos indivíduos em ratificar seus caracteres aliado à ação fomentadora dos grupos de poder.

“A identidade é formada pelas edificações (monumentos, infraestrutura, cidades, pontes...), línguas, mitos e ritos a religião, enfim, pelos atos territorializantes dos atores sociais e históricos; significa sedimentos em um certo lugar, no qual há uma co-evolução social e natural”.

(SAQUET, 2007, p. 148)

A relação indivíduo/território será estabelecida por elementos constituintes da formação territorial: o espaço, o tempo histórico, o trabalho, a memória e a língua. A constituição das identidades obedecerá a um movimento de sucessão de novas e antigas práticas trazendo traços **materiais** (oriundos das relações sociais) e **imateriais** (as representações e simbologias) ao território. A manutenção dessas estará ligada aos elementos culturais definidores da identidade, assim como, o poder de persuasão dos divulgadores dos variados grupos de poder local.

Trabalharemos, separadamente, os municípios de Seropédica e Duque de Caxias buscando aprofundar as territorialidades de cada local e como os trabalhadores constroem sua identidade perante a necessidade da migração pendular diária.

#### **4.3.1 – Identidade em Seropédica**

Apesar de seu movimento emancipatório relativamente novo, e uma possível tendência à uma construção identitária forte, os trabalhadores entrevistados direcionam sua identidade com o “ser seropediquense” ou “ser de Seropédica” de uma forma bem particular. O Município vive uma fragmentação social claramente visível, fomentado pelo fator *diferença*. Existem, os cidadãos seropediquenses e os não seropediquenses (grupo representado pelos que utilizam a cidade como moradia temporária, tendo os estudantes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro como os principais representantes). O convívio entre eles ocorre livremente, mas carrega consigo a disputa territorial própria das diferenças identitárias (percebemos tais conflitos em momentos de contato diversos, como as festas municipais, por exemplo). Além disso, os estudantes da Universidade Rural denominam, pejorativamente, os seropediquenses de “minhocas”<sup>4</sup>, demonstrando o caráter discriminatório das divergências identitárias. Dessa forma, conseguimos entender o papel das diferentes representações que são apropriadas, internalizadas pelos indivíduos em seu território, sendo colocadas para fora à medida que a diferenciação identitária se faz necessária. A apropriação do “ser de Seropédica”

---

<sup>4</sup> O termo é utilizado, pejorativamente, por parte, dos estudantes da Universidade Rural. A partir dele se delimita os que são “da terra”, isto é, os próprios do local, nesse caso o Município de Seropédica.

passa, também, pelo “não sou estudante da Rural”, em muitos casos, mostrando o papel das identidades nas caracterizações do reconhecimento frente à diferença, já que é através do embate com o outro que serão afirmados os elementos nos quais distinguem os grupos, promovendo o diálogo e o conflito com o outro (HAESBAERT, 1999). É nessa realidade que a relação entre os estudantes e moradores de Seropédica se dá, em muitos casos.

Como analisado anteriormente, o papel da política como formulador do espaço territorial possui grande relevância para o estabelecimento das identidades. A utilização desse discurso possibilita a naturalização da identidade aliando-os dentro da lógica político-partidária proposta e sua representação na esfera do território. Sendo assim, o poder político será um forte vetor de exaltação da identidade podendo ser acionado mediante as demandas públicas comandadas pelos grupos de poder local.

Existe um afastamento político dos trabalhadores entrevistados onde 85% das pessoas não participam da vida política local. Tal fato decorre da ausência de tempo para a participação das práticas políticas agregado ao descrédito ocorrido, em âmbito nacional, perante as práticas governamentais. Somado a isso existe o próprio desconhecimento do morador da região sobre as atividades políticas ocorridas em âmbito local, (87% não acompanham programas regionais que veiculam notícias sobre Seropédica, apesar da existência de diversos sites divulgadores das notícias do Município).



Figura 3 – Site “Portal Seropédica”. Disponível em: [www.portalseropedica.com.br](http://www.portalseropedica.com.br) . Data do acesso, 17/9/2013 (modificado).



Figura 4 – Site “Seropédica Online”. Disponível em: [www.seropedicaonline.com](http://www.seropedicaonline.com) . Data do acesso, 17/9/2013 (modificado).



Figura 5 – Site “Seropédica RJ”. Disponível em: [www.seropedicarj.com.br/blog](http://www.seropedicarj.com.br/blog) . Data do acesso, 17/9/2013 (modificado).

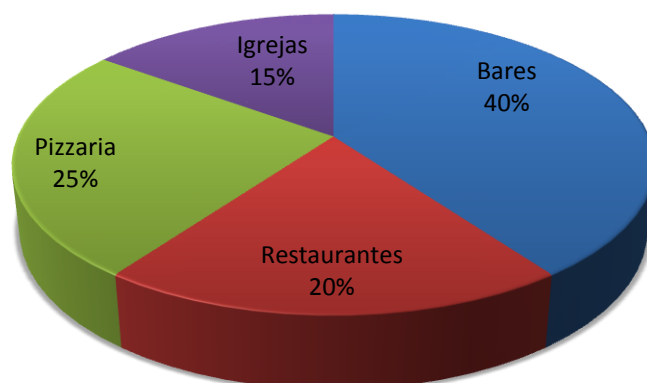
Apesar disso, as semelhanças das mazelas sociais vividas e a importância da mobilização política leva grupos populares do Município a buscarem agregar e formar uma identidade seropediquense em prol de melhorias para as variadas demandas da população do município. A FRAMS (Federação Regional das Associações de Moradores de Seropédica) é fruto dessa realidade onde a necessidade de inserção cidadã utiliza as identidades locais para construir o debate em torno da construção coletiva.



Figura 6 – Logomarca da Federação Regional das Associações dos Moradores de Seropédica. Disponível em: <http://framsrj.com.br/>. Data do acesso, 17/9/2013.

O trabalho diário e a migração pendular trazem ao indivíduo consequências, como o cansaço e o aumento do nível de estresse. Esta realidade inibe, em parte, a relação do morador com sua terra, pois, a falta de tempo e de vigor físico leva, em muitos casos, a perda da vontade e da necessidade de estabelecer suas relações sociais. Como exemplo, tem-se o equilíbrio percentual entre os entrevistados que costumam sair em Seropédica em comparação com os que não saem (50% / 50%). Contudo, é em seu local de moradia que os trabalhadores se sentirão familiarizados a consumir o espaço.

### Gráfico 11: Principais atividades realizadas em Seropédica



Fonte: Pesquisa de campo, 2011, 2012 e 2013. Organizado por Antônio Fernando Rodrigo de Oliveira

Percebemos a inexistência de atividades culturais no Município levando os entrevistados a realizar atividades, sobretudo, nos ramos de bares e restaurantes. Outro fator de importância é os 15% de atividades religiosas vivenciadas pelos trabalhadores, mostrando o papel de liderança e relevância na vida dos entrevistados, bem como sua participação na construção territorial. Além dessas atividades existem outras formas de interação social entre os moradores do Município como as festas municipais, fomentado amplamente pela Prefeitura local e as “feiras livres”. Esses momentos de interação indivíduo/território passam a ser um forte momento de afirmação e expressão da sua identidade e territorialidade.



**Figura 7 – Foto da XIII Festa Caipira de Seropédica.** Fonte: Menezes, Gabriel. 16/07/2012.



**Figura 8 – Foto da Feira livre de Seropédica.** Fonte: Menezes, Gabriel. 25/07/2012.



**BOTE FÉ Seropédica**

CONCENTRAÇÃO E ADORAÇÃO AO SANTÍSSIMO **09H** NA IGREJA MATRIZ SANTA TERESINHA-KM50

CHEGADA DA CRUZ **10H**

PROCESSÃO LEVANDO OS SINAIS PARA O LOCAL DA SANTA MISSA AS 16H.

SANTA MISSA **17H** NO PARQUE DE EVENTOS-KM49 (2ª PASSARELA)

CELEBRADA POR SUA EXMA. REV. DOM JOSÉ UBIRATAN

SHOW DE EVANGELIZAÇÃO **AÓS A SANTA MISSA**

TONY ALLYSSON

INFORMAÇÕES - 21-26821001/26822133

REALIZAÇÃO: Santa Teresinha, MARIA, APOIO: SEROPÉDICA

Figura 8 – Folder do evento “Bote Fé Seropédica” realizado pela Paróquia Santa Teresinha.

**ARRAIA SEROPÉDICA**

ENTRADA FRANCA!

18 A 21 JULHO a partir das 18 HORAS

Área de Eventos de Seropédica - Km 43 (ANTIGA ÁREA DA EXPO)

18 de JUL | 19 de JUL | 20 de JUL | 21 de JUL

Falamansa, Nosso Sentimento, Detonautas, Anitta, Pimenta do Reino, Renan & Christiano, Elba Ramalho

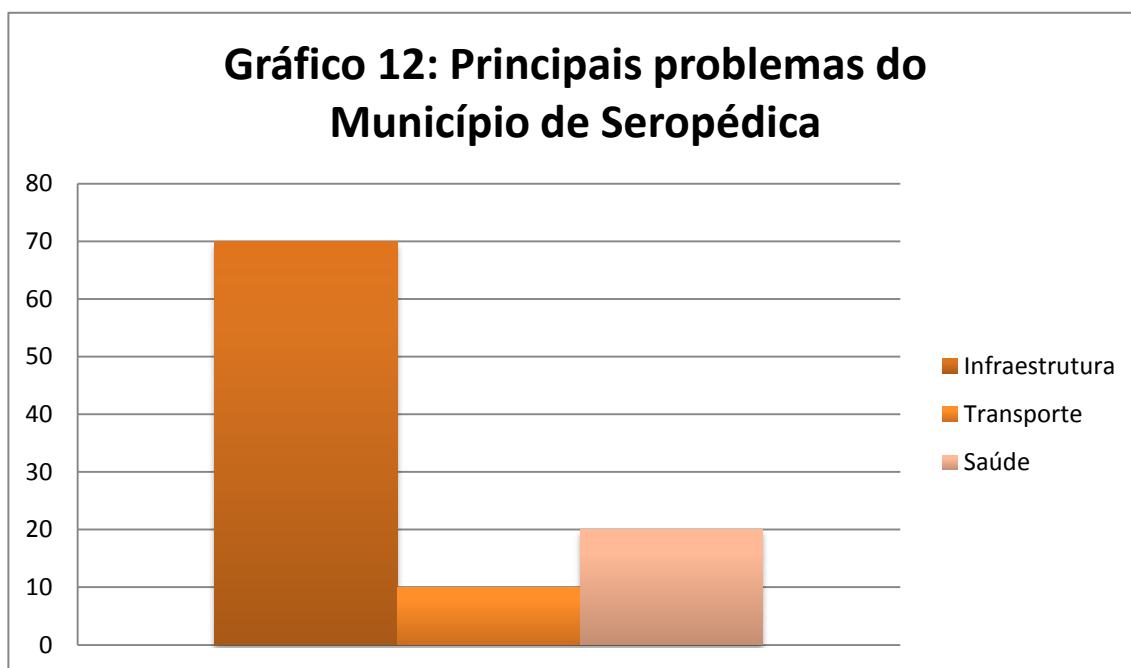
E mais: • Queima de fogos • Fazendinha Caiçara • Fogueira sustentável • Exposição fotográfica sobre a vida de Luiz Gonzaga • Barracas com comidas típicas • Shows com grandes nomes do Forró

Final nacional do Concurso de Quadrilhas Juninas

Patrocínio: Light, aurora, ITAIPAVA, Rádio Oficial: Seropédica, Apoio: Prefeitura de Seropédica, Realização: Prefeitura de Seropédica - Governo de Respeito e Paz

Figura 9 – Folder do evento “Arraia Seropédica” realizado pela Prefeitura de Seropédica.

Todas estas atividades elencadas representam momentos onde ocorre o agrupamento dos moradores de Seropédica, expressando, portanto, através destes encontros seus traços culturais, que são elementos definidores de sua identidade local. Quando perguntados sobre o grau de afetividade com a sua cidade 85% demonstraram gostar de Seropédica ainda que problemas como saneamento básico, transporte e saúde tenham sido relatados pelos entrevistados.



Fonte: Pesquisa de campo, 2011, 2012 e 2013. Organizado por Antônio Fernando Rodrigo de Oliveira

O desejo de melhora dos moradores de Seropédica para seu local de moradia serve de estimulador de movimentos políticos, como afirmado acima, agregando novos padrões de identidade. Por outro lado, essas questões reafirmam o sentimento de afetividade e a noção identidade/território na construção de sua territorialidade.

#### **4.3.2- Identidade em Duque de Caxias**

Nos dias atuais se observa Duque de Caxias como grande influenciador da dinâmica política, econômica e social na Baixada Fluminense, sobretudo em âmbito regional. A presença de importantes empresas no seu território como o empreendimento da Petrobrás na Reduc (Refinaria de Duque de Caxias), o comércio local forte, localizado no “calçadão de Caxias”, a existência da escola de samba GRES Acadêmicos do Grande Rio e do time Duque de Caxias Futebol Clube (apelidado de “gigante tricolor

da Baixada”), fundado em 2005 e atuante na série C do Campeonato Carioca e em campeonatos regionais, são alguns exemplos ratificadores do potencial identitário presente no município de Caxias.



**Figura 10 – Foto de Calçadão de Duque de Caxias. Foto extraída do site: <http://lurdinha.org/site/?p=957>**



**Figura 11** – Escudo do Duque de Caxias Futebol Clube. Imagem extraída do site: <http://www.souduque.com.br/2012/>

Como visto nos capítulos anteriores a Baixada Fluminense possui uma relação intrínseca com a cidade do Rio de Janeiro, muitas vezes marcada, somente, pelas relações de trabalho. No entanto, a proximidade existente e os polos culturais passam a atrair as populações existentes na Baixada Fluminense. Ainda assim, na medida em que há o desenvolvimento econômico das principais cidades da Baixada Fluminense, como Duque de Caxias, tal área ganha o interesse das grandes empresas modificando a estrutura espacial dessas, criando empreendimentos como shoppings centers – como o Caxias Shopping – enraizando, ainda mais, o processo de identidade local já que a aproximação entre o shopping e os moradores locais é fundamental para a obtenção do lucro por parte dos consórcios administradores. Eles irão se agregar, portanto, da formação da identidade visando fomentar o consumo.

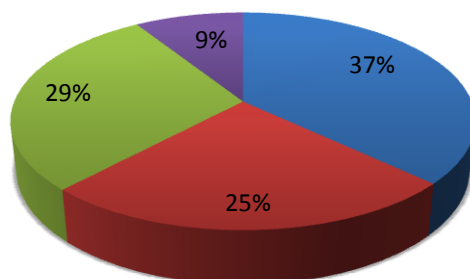


**Figura 12 – Folder do evento “Caxias Fashion” realizado no Caxias Shopping.**

Por mais que possuam relações sociais fora do município é no seu local de moradia onde os sentimentos de pertencimento e familiaridade irão se expressar. 59% saem nos finais de semana em Duque de Caxias em locais como bares, shopping, centros culturais e casas noturnas.

## Gráfico 12: Principais atividades realizadas em Duque de Caxias

■ Shopping Center ■ Casas noturnas ■ Bares ■ Centros culturais



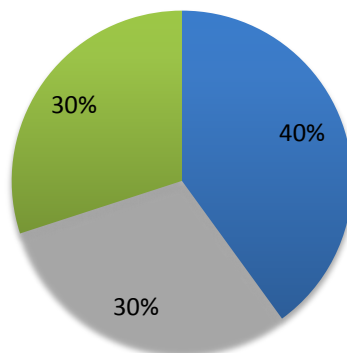
Fonte: Pesquisa de campo, 2011, 2012 e 2013. Organizado por Antônio Fernando Rodrigo de Oliveira

Percebemos um fomento, por parte da prefeitura, por atividades culturais ocorridas no âmbito do Município, como exemplo o Teatro Raul Cortez. Apesar da presença de ambientes de fomento cultural, como este teatro, a participação dos entrevistados em tais atividades ainda é pequena, enquanto a maior parte se interessa em atividades de lazer voltadas às casas de show, bares e ao consumo nos shoppings.

A identificação com o local de moradia não impede a geração de sentimentos de repúdio e indignação com as questões que norteiam a sociedade local. 81% declara gostar de Caxias e 19% não gostam (40 % do total gostariam de morar no Rio de Janeiro e 60% não gostaria).

### Gráfico 13: Principais problemas do Município de Duque de Caxias

■ Lixo nas ruas ■ Violência ■ Tráfico de drogas



Fonte: Pesquisa de campo, 2011, 2012 e 2013. Organizado por Antônio Fernando Rodrigo de Oliveira

Os principais aspectos que levam indignação aos moradores são: o problema atual do lixo, a violência e o problema do tráfico de drogas. No entanto, somente a proximidade com o trabalho e as facilidades de locomoção existentes no Rio de Janeiro faria os entrevistados se mudarem para o Rio de Janeiro, caso possível. Entre as principais reivindicações dos trabalhadores estão: melhorias em saúde, educação e segurança e melhorias em infraestrutura básica, principalmente nos quesitos saneamento básico e pavimentação.

A participação dos moradores de Duque de Caxias na vida política, como em Seropédica é mínima: 90% não participam da vida política local e 92% não costumam acompanhar notícias sobre o município. Mesmo com o afastamento político da população é na apropriação desse discurso que a geração da identidade é, muitas vezes, desenvolvida.

“Uma região e sua identidade são forjadas através das imposições de uma classe dominante local, na procura de expandir sua própria base material (...) e no uso do controle sobre a administração local para alcançar seus fins, (portanto) as classes dominantes desenvolvem formas de controle político apropriado a seus interesses econômicos (e de poder), tanto uma região toma um aspecto político peculiar quando comparada as outras”.

(ROBERTS 1981, p. 10 apud CASTRO, 1986, p. 38).

Como exemplo são os sites locais desenvolvidos, em grande parte por políticos, visando à divulgação da “cidadania caxiense”.



Figura 13 – Site “Caxias Maior”. Disponível em: [www.caxiasmaior.blogspot.com.br](http://www.caxiasmaior.blogspot.com.br). Data do acesso, 17/9/2013 (modificado).



Figura 14 – Site “MAP Duque de Caxias”. Disponível em: [www.mapduquedecaxias.blogspot.com.br](http://www.mapduquedecaxias.blogspot.com.br). Data do acesso, 17/9/2013 (modificado).





Figura 15 – Site “Pensar Caxias”. Disponível em: [www.pensarcaxias.com.br](http://www.pensarcaxias.com.br). Data do acesso, 17/9/2013 (modificado).

A construção de uma identidade política em Duque de Caxias é mais antiga, assim como seu processo emancipatório. Dessa forma, a formação de uma identidade política em torno da população caxiense é facilitada. Percebemos essa realidade no levantamento dos sites locais que são, em sua maioria, criados e gerenciados por grupos políticos ou candidatos à cargos políticos. Apesar disso, existem, assim como em Seropédica, grupos organizados com o objetivo de lutar por melhorias aos cidadãos, como o “MAP Caxias” (Movimento de Ação Popular Duque de Caxias) atuante na mobilização política.

## 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa produção foi trazer o diálogo da identidade com a migração pendular dentro da perspectiva geográfica. Percebemos que esse movimento guarda particularidades de grande importância para a (re)configuração do território, assim como para os estabelecimentos das identidades. O recorte da Baixada Fluminense nos fornece uma grande gama de possibilidades de investigação das identidades realizadas em diversas escalas, uma vez que é uma área que possui uma formação múltipla e um arranjo populacional que está em constante mobilidade.

O cruzamento dos dados e das informações geradas pelas entrevistas nos municípios nos trouxe a confirmação da ideia de que não se existe, ainda, uma identidade da Baixada Fluminense, e sim, diversas identidades territoriais municipais que se desenvolvem de acordo com as interações espaciais ocorridas nesses espaços.

As mazelas vividas por esses trabalhadores, tanto na jornada laboral quanto na vida cotidiana nos municípios, não foram capazes de minimizar os sentimentos de afetividade e pertencimento com o local de moradia. Mesmo com o afastamento político existem diversos elementos locais fomentadores de uma identidade política na qual luta, muitas vezes, pela construção de uma cidadania identitária.

Apesar da rotina diária de trabalho é a partir de suas territorialidades que serão construídas a história local e a (re) afirmação da identidade territorial. São as diferenças existentes entre os territórios, diariamente, visitados pelo trabalhador as responsáveis pela noção de estranhamento e, a conseqüente e natural, exaltação da noção de pertencimento e familiaridade que os Municípios estudados dão à maioria dos entrevistados.

Os resultados dessa pesquisa permitem antecipar uma possível tendência da valorização identitária existente nos Municípios da Baixada Fluminense na medida em que ocorre o crescimento econômico e político das principais cidades da Baixada. Apesar de tal área, constantemente ser marginalizada, o avanço do poder local vem sendo fomentado, sobretudo pelas lideranças políticas, em prol de uma revalorização das cidades da Baixada Fluminense. A busca por uma dinamização política, econômica e social empreendida, dessa maneira, pelos principais municípios da Baixada pode significar uma reestruturação da identidade a partir do aumento da interação dos trabalhadores com seu local de vivência.

## 6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício de A., *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. 4ª edição. Rio de Janeiro: IPP, 2010.

BECKER, Olga Maria S. Migração e áreas sociais a metrópole do Rio de Janeiro, BICALHO, A. M. e GOMES, P.C.C. *Questões metodológicas e novas temáticas na pesquisa geográfica*. Rio de Janeiro: Publit, 2009, p. 141 – 161.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino, MUTTI, Regina,. *Pesquisa Qualitativa: Análise de discurso versus análise de conteúdo*. Contexto Enferm, Florianópolis, 2006, 679-684.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*, 3ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001.

CASTRO, Iná E. de. O espaço político: limites e possibilidades do conceito. In: CASTRO, Iná E. de, GOMES, Paulo César da C., CORRÊA, Roberto Lobato (org.). *Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CASTRO, Iná E. de. *Estado e Região – Considerações sobre o regionalismo*. Anuário do Instituto de Geociências. UFRJ, 1986.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito - chave da Geografia. In: CASTRO, Iná E. de Castro, GOMES, Paulo César da C., CORRÊA, Roberto Lobato (org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. Interações espaciais. In: CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato. *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 279-318.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajetórias Geográficas*, 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

COSTA, Benhur Pinós da C., *As relações entre os conceitos de território, identidade e cultura no espaço urbano: por uma abordagem microgeográfica*. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (org.). *Geografia: temas sobre cultura e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

FERREIRA, R.N, MATOS, Ralfo. Dinamismo do mercado de trabalho formal e mobilidade espacial dos trabalhadores, MATOS, Ralfo e SOARES, Weber. *Desigualdades, redes e espacialidades emergentes no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 137 – 162.

GAUDEMAR, Jean Paul de. *Mobilidade do trabalho e acumulação*, 1977. Lisboa, 1977.

GOFFMAN, E. *Estigma*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (org.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

\_\_\_\_\_. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HARVEY, David. *Condição Pós – Moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*, 21ª edição. São Paulo: Editora Loyola, 2011.

JARDIM, Antônio Ponte de. Mobilidade intrametropolitana no Rio de Janeiro, FERREIRA, Ademir P., NETO, Helion P. *Cruzando Fronteiras Disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2005, 375 – 389.

LAGO, Luciana Côrrea do. A “periferia” metropolitana como lugar de trabalho: da cidade dormitório à cidade plena, SANTOS, Angela Moulin S. P. e MARAFON,

GLÁUCIO J. e SANT’ANA, Maria Josefina G. *Rio de Janeiro: um olhar sociespacial*, 2010. Rio de Janeiro: Gramma, 2010, p. 133 – 155.

MANÃS, Christian Marcello. *Tempo e trabalho: a tutela jurídica do tempo de trabalho e tempo livre*. São Paulo: LTR Editora, 2005, p.21 – 50.

MELCHIOR, Lirian. *Redes sociais e migrações laborais: múltiplas territorialidades: a constituição da rede nipo-brasileira em Ourinhos (SP) e no Japão*. Presidente Prudente: [s.n], 2008.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de, OLIVEIRA, Luiz Antonio Pinto de (orgs.). *Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

ROCHA, André dos Santos. *Baixada Fluminense: representações espaciais e disputas de legitimidades na composição territorial municipal*. Rio de Janeiro, 2009.

SAQUET, Marcos Aurélio. *Por uma Geografia das Territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial*. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

\_\_\_\_\_. *Abordagens e concepções sobre território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAYAD, Abdelmalek. *O retorno*. Revista Travessia – edição especial / jan-2000.

SANTOS, Milton, SILVEIRA, María Laura. *O Brasil: Territórios e sociedade no início do século XXI*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: EDUSP; 4ª edição, 2008.

\_\_\_\_\_. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. São Paulo: EDUSP; 2ª edição. p. 23 – 37/ 147 – 154.

\_\_\_\_\_. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da, HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn (orgs.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

SIMÕES, Manoel Ricardo de. *A cidade estilhaçada: reestruturação econômica e emancipações municipais da baixada fluminense*. Niterói: [s.n], 2006.

SINGER, Paul. Economia política da urbanização. 14ª edição. São Paulo: Contexto, 1998, p. 29 – 62.

SINGER, Paul. Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 1999, p. 11 – 33.

SOUZA, Marcelo Lopes de. ABC do desenvolvimento urbano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2010.

VASSAPOLLO, Luciano. O trabalho atípico e a precariedade: elemento estratégico determinante do capital no paradigma pós – fordista. In: ANTUNES, Ricardo, Riqueza Miséria do trabalho no Brasil (orgs.). São Paulo: Boitempo, 2006.

VENTURI, Luís Antônio B. Praticando Geografia: técnicas de campo e laboratório, 2005. Oficina de textos, 2005.

## 7 – ANEXOS

### 1- MODELO ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
PESQUISA: **Migrações e identidades. Análise espacial dos movimentos pendulares na Baixada Fluminense**

Responsável pelas informações: ( ) Antônio ( ) Gabriel  
QUESTIONÁRIO nº.: \_\_\_\_\_

Nome do entrevistado \_\_\_\_\_

#### A - PERFIL:

1. Sexo: (1) Masculino (2) Feminino

---

2. Escolaridade:

(1) sem instrução (2) 1ª a 4ª série incompleto (3) 1ª a 4ª série completo (4) 5ª a 8ª série incompleto. (5) Ensino fundamental completo.. (6) Ensino médio incompleto (7) Ensino médio completo (8) superior incompleto (9) superior completo (10) pós-graduação.

---

3. Idade: (1) até 18 anos (2) de 19 a 29 anos (3) de 30 a 39 (4) 40 a 49 (5) 50 a 59 (6) 60 a 69 (7) 70 ou mais

---

4. Município de Origem (Estado):

( ) área urbana ( ) área rural

---

5. Ainda tem família e/ou amigos no município de origem? Mantém contato com eles? Você ou alguém de sua família tem vontade de voltar para lá?

---

---

6. Tem filhos ( ) Sim ( ) Não Quantos: \_\_\_\_\_  
(caso tenha filhos, verificar a idade, se estudam ou trabalham)

---

---

7. Quantas pessoas moram em sua casa com você?

Município e Bairro onde reside? \_\_\_\_\_

---

#### B - RELAÇÕES DE TRABALHO

8. Qual é a sua profissão (de formação ou original) \_\_\_\_\_

---

9. Onde você trabalha?

Município/Bairro \_\_\_\_\_

Qual o tipo de atividade exercida? \_\_\_\_\_

---

10. Rendimento

(reais): \_\_\_\_\_  
(caso more com esposa (o), filhos, parentes, verificar qual a renda familiar):

---

---

11. Qual a sua jornada de trabalho? (N. de horas e dias da semana)

. Há quanto tempo trabalha neste emprego?

12. Como você classificaria sua relação com o trabalho? (Sem relações salariais)

( ) Está satisfeito ( ) não está satisfeito ( ) não está satisfeito nem insatisfeito ( ) está insatisfeito  
( ) gostaria de exercer outro tipo de atividade. Qual?

13. Quais tipos de serviços/políticas/programas(municipal; estadual ou federal) participa? (descrever e discriminar) (bolsa família etc)

### C – RELAÇÃO COM O MUNICÍPIO QUE TRABALHA:

14. Tirando o trabalho, o que costuma fazer no Rio de Janeiro (em dias de semana)

( ) compras ( ) pagamento de contas ( ) passeios em lugares públicos  
( ) procura não sair do ambiente de trabalho para evitar gastos ( ) almoçar em restaurantes

15. Costuma frequentar o Rio de Janeiro nos finais de semana? Onde vai?

( ) shoppings ( ) praias ( ) cinemas ( ) teatros ( ) bares e restaurantes ( ) casas noturnas  
( ) centros culturais

16. Tem amigos no Rio de Janeiro? Costuma visitá-los?

17. Gostaria de morar no Rio de Janeiro?

( ) Sim ( ) Não

Porquê?

### D – QUANTO AO TRANSPORTE UTILIZADO

18. Tipos de transportes utilizados: ( ) ônibus ( ) trem ( ) metrô

Se trem, qual linha

utilizada

Se metrô, qual linha

utilizada

Se ônibus, qual linha

utilizada

19. Tempo de deslocamento

Na ida ( ) 1 hora ( ) 2 horas ( ) 3 horas ( ) 4 horas ( ) 5 horas ( ) 6 horas

Na volta ( ) 1 hora ( ) 2 horas ( ) 3 horas ( ) 4 horas ( ) 5 horas ( ) 6 horas

20. Horário em que pega o ônibus:

( ) entre 3 e 4 da manhã ( ) entre 4 e 6 da manhã ( ) entre 6 e 8 da manhã

( ) entre 8 e 10 da manhã

21. Tempo médio de espera no ponto

( ) 10 a 15 min ( ) 15 a 20 min ( ) 20 a 25 min ( ) 25 a 30 min ( ) 30 a 35 min ( ) 35 a 40 min

( ) 40 a 45 min ( ) 45 min a 1 hora ( ) 1 hora a 1:30 min ( ) 1:30 a 2 horas ( ) mais de 2 horas

---

22. Costuma pegar o ônibus com as mesmas pessoas? ( ) sim ( ) não  
Existe uma relação de amizade com estas? ( ) sim ( ) não

---

21. Condições estruturais das linhas de ônibus: ( ) ótima ( ) boa ( ) regular ( ) péssima  
Condições estruturais das linhas de trem : ( ) Ótima ( ) Boa ( ) Regular ( ) Péssima

---

### E - RELAÇÃO COM O MUNICÍPIO QUE RESIDE

22. Costuma sair aos finais de semana em sua cidade? ( ) sim ( ) não  
Quais são os locais de preferência: ( ) Bares ( ) Shopping ( ) Centros Culturais ( ) Casas Noturnas

---

23. Gosta do município onde reside? (...) sim ( ) não  
O que é preciso para melhorá-lo?

---

---

---

---

24. Costuma participar da vida política de seu município? ( ) sim ( ) não

---

25. Costuma assistir ou ouvir programas de rádio e televisão regionais? ( ) Sim ( ) Não  
Quais?

---

---



## 2- QUADRO DE ATIVIDADES

<b>Atividades</b>
a) Levantamento Bibliográfico;
b) Fichamento da bibliografia selecionada e discussões dos temas no âmbito do Grupo de Pesquisa “Espaço, Teoria Social e Cidade”;
c) Levantamento de dados estatísticos sobre movimentos migratórios pendulares e os processos identitários (IBGE; CIDE; IPEA; Prefeituras Municipais NIEM/UFRJ);
e) Tratamento dos dados (transcrição de entrevistas, elaboração de gráficos, tabelas e mapas);
f) Realização de trabalhos de campo para a realização de entrevistas com os trabalhadores dos municípios selecionados e verificação das condições de trabalho da população migrante (transporte, tempo de deslocamento, tipo e carga horária de trabalho, renda, moradia) nos Municípios de Seropédica e Duque de Caxias;
g) Participação em eventos científicos;